

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA

DIÁLOGOS FILOSÓFICOS NO BRASIL:
DE MAQUIAVEL À MACHADO DE ASSIS.

MARIANA CRISTINA BOMFIM CUSTODIO

Uberlândia
2025

MARIANA CRISTINA BOMFIM CUSTODIO

**DIÁLOGOS FILOSÓFICOS NO BRASIL:
DE MAQUIAVEL À MACHADO DE ASSIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel e licenciatura em Filosofia.

Orientador:

Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior .

**Uberlândia
2025**

MARIANA CRISTINA BOMFIM CUSTODIO

**DIÁLOGOS FILOSÓFICOS NO BRASIL:
DE MAQUIAVEL À MACHADO DE ASSIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel e licenciatura em Filosofia.

Uberlândia, 07 de Maio de 2025.

Banca Examinadora:

Nome – Titulação (Instituição)

Nome – Titulação (Instituição)

Nome – Titulação (Instituição)

*Para todos aqueles que desejam se dedicar à docência,
em especial à filosófica: por mais difícil e cruel que ela
tem sido conosco, o poder de olhar o mundo com
olhos esperançosos faz tudo valer a pena.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus pela intercessão da Virgem Maria, a Senhora de Aparecida, que concebeu a mim a graça do tão sonhado acesso a Universidade Pública gratuita e de qualidade além de, e principalmente, por me dar força para trilhar este sonho, pois, não é segredo que a permanência em uma cidade diferente, longe da família e com poucos recursos nem sempre é fácil;

Aos meus pais, Cleusa e Toninho, que fizeram o possível e o impossível para que eu chegasse aonde cheguei, espero que eles saibam que o meu sucesso nada mais é que fruto do esforço e da renúncia diária deles, por isso, muito obrigado! Amo-vos profundamente; Ao meu irmãozinho, Fabrício, (que já não é mais tão pequeno) que mesmo a distância fez dos meus dias mais coloridos e divertidos com suas inúmeras mensagens, vídeos e ligações; te amo, “Fifi”!

Ao meu noivo, Diego, que é minha fortaleza, meu companheiro, meu melhor amigo e tem sido meu apoio em todos os momentos até aqui, tenham sido eles dolorosos ou alegres. Te agradeço por tudo e por tanto! Te amo, meu bem;

Às minhas queridas melhores amigas de infância, Isabelle e Renatha que sempre se esforçaram para que nossa distância parecesse menor; Aos meus professores do Ensino Médio, Viana e Simone, que foram minha inspiração para seguir o caminho da docência, apesar de tantas dificuldades;

Ao meu orientador, professor e amigo, José Benedito, que me auxiliou durante toda esta fase com paciência e zelo; aos professores e técnicos do IFILO que direto ou indiretamente me auxiliaram durante o período de graduação e aos professores Rones e Ana, membros da banca avaliadora, que se prontificaram a me acompanhar neste dia tão importante;

E por fim, mas, não menos importante, para todos aqueles que me acolheram nesta nova cidade e que tenho o prazer de chamar de amigos. A estes que conheci pela faculdade, pela vida, pelo estágio, muito obrigado por fazer dos meus dias mais leves e por estarem presentes em tantos momentos importantes da minha vida. Vou levá-los sempre em meu coração! Em especial: Luna, Stéfany, Adrissiane, Ana Laura, Priscila, Kauene, Ana Luiza, Juliana, Cláudia e Thiago, muito obrigado por tudo!

"Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito.

Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz."

Epicuro

RESUMO

É com o intuito de buscar pela Filosofia Brasileira além do que ela tem sido delimitada que este trabalho é construído. Quando afirmo que é para além de sua delimitação é devido às influências históricas que acabaram por fazer da produção filosófica no Brasil o que ela é atualmente; seja a Reforma Pombalina, seja a influência europeia direta na concepção sobre o que é de fato o trabalho filosófico e, principalmente, a quem ele pertence. Sendo assim, em sua estrutura, este trabalho pretende investigar como tem sido o desenvolvimento da filosofia no Brasil e, principalmente, como esse processo influenciou outras linhas de conhecimento, levando-nos a perceber que a filosofia teve mais espaço fora de si mesma do que em seu meio, desdobrando-se principalmente na literatura machadiana, cerne de nosso trabalho juntamente ao filósofo italiano Nicolau Maquiavel. Portanto, a intenção deste trabalho não é somente descrever a historiografia da Filosofia no Brasil, mas apresentar onde está a Filosofia do Brasil, assim como responder às seguintes perguntas: O que é Filosofia? Ela existe no país? Embora o autor não quisesse tal título, cabe a Machado o renome de filósofo?

Palavras-chave: Machado de Assis, Filosofia Brasileira, contos, Maquiavel.

RIEPILOGO

È con l'obiettivo di ricercare la filosofia brasiliana oltre ciò che è stato delimitato che è costruito questo lavoro. Quando dico che è oltre la sua delimitazione è dovuto agli influssi storici che hanno finito per rendere la produzione filosofica brasiliana quella che è oggi; sia la Riforma Pombalina o l'influenza europea della dieta nella concezione di cosa sia effettivamente il lavoro filosofico e, soprattutto, a chi appartiene. Pertanto, nella sua struttura, questo lavoro intende indagare come è avvenuto lo sviluppo della filosofia in Brasile e, soprattutto, come questo processo ha influenzato altre linee di conoscenza, portandoci a comprendere che la filosofia aveva più spazio fuori di sé che al suo interno, dispiegandosi principalmente nella letteratura di Machado, fulcro del nostro lavoro insieme al filosofo italiano Nicolau Machiavelli. Pertanto, l'intenzione di questo lavoro non è solo quella di descrivere la storiografia della filosofia in Brasile, ma di presentare dove si trova la filosofia in Brasile e di rispondere alle seguenti domande: cos'è la filosofia? Esiste nel paese? Anche se l'autore non voleva un titolo del genere, spetta a Machado essere riconosciuto come filosofo?

Parole chiave: Machado de Assis, filosofia brasiliana, racconti, Machiavelli.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 A FILOSOFIA NO BRASIL COLÔNIA E SUAS INFLUÊNCIAS	18
1.1 Fé e razão: Dos jesuítas e suas influências filosóficas.	19
1.2 Crítica da razão Tupiniquim: O que podemos chamar de Filosofia Brasileira?	24
1.3 Qual lugar Machado de Assis ocupa no pensamento filosófico brasileiro do século XXI?	29
2 MACHADO DE ASSIS: FILÓSOFO	34
2.1 O que poderia conferir o título de filósofo para Machado de Assis?	35
2.2 Interpretações filosóficas acerca das obras machadianas: A interpretação Comparatista	38
2.3 A interpretação histórico-sociológica	40
2.4 A Interpretação Pirrônica	43
3 TEORIA DO MEDALHÃO: UMA ANÁLISE DAS TENDÊNCIAS FILOSÓFICAS DO CONTO	48
3.1 Teoria do Medalhão: uma análise do conto	49
3.2 Virtù e Fortuna, novas perspectivas em Machado de Assis	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO

O que queremos dizer quando mencionamos o conceito de “Filosofia Brasileira”? É simplesmente a filosofia feita no Brasil todos os dias transcrita nos milhares de artigos, ensaios, resenhas publicadas ou não? Ou a que é lida? Reproduzida? Ensinada? Bem, é o que pretendemos responder aqui.

Para tal, precisamos por primeiro olhar para nossa história nos aspectos de sua construção e formação e, embora pareça ser um discurso feito amiúde, é na verdade de suma importância devido a um detalhe que aparentemente trivial, na verdade não é nem um pouco prosaico que é: somos um país colonizado. E o que isso significa? Significa que parte da nossa formação teve ou, ainda tem, influência direta daqueles que nos colonizaram (no caso a Europa) e quando pensamos ou falamos brevemente sobre este fatídico acontecimento, de imediato pensamos apenas nas influências mais “banais” como a comida, a fala principalmente, ou alguns hábitos entre outros, mas, nos esquecemos da cultura que também fora de forma excessiva e massacrante influenciada neste período de tal modo que podemos nomear tal infortúnio na atualidade com o conceito do sociólogo Boaventura de Sousa Santos de Epistemicídio que refere-se ao apagamento do conhecimento e práticas de povos subjugados por aqueles que o dominaram.

Contudo, podemos talvez nos questionar o que isso teria a ver com a Filosofia. Ora, um aspecto da cultura é a educação e, se nossa cultura foi influenciada, logo a educação também foi e é por meio dessa educação enviesada que a Filosofia nos foi apresentada. Ou seja, o que nos foi trazido e imposto para além daquilo que já tínhamos aqui enquanto forma de viver, além das outras rapidamente mencionadas, foi a filosofia. E não qualquer uma, mas, a filosofia europeia e, não apenas isso, mas, uma filosofia europeia com viés religioso, visto que, ela fazia parte dos estudos dos jesuítas da época. Logo, o que havia nesta época era nada mais que Filosofia à moda da colônia.

Deste modo, quando falamos de Filosofia Brasileira, precisamos sim considerar diversos aspectos que foram formadores para nós enquanto nação, todavia, aqui, não será com o intuito de fazer uma historiografia ou simplesmente apagar tudo o que foi feito com o pressuposto de que, se foi influenciado, então não é filosofia brasileira autêntica, mas, é para que de fato possamos entender como este processo nos formou e o que foi feito disto, qual filosofia foi feita, principalmente com as delimitações colocadas à ela, pois, como dito antes, foi apresentada uma em específico e o que fugia disso não era filosofia.

Sendo assim, veremos aqui que o que hoje podemos chamar de filosofia talvez tenha seguido por outras vias, como, por exemplo, a Literatura Machadiana. Embora Machado expressamente não quisesse o título de filósofo é indubitável que aos menos seus textos são regados da mais nobre filosofia e, embora não seja a intenção deste trabalho fazer uma comparação, ela ocorrerá em dado momento do texto quando veremos conceitos

específicos da filosofia política tanto em Maquiavel quanto em Machado para ao fim podermos responder: Embora não quisesa, cabe ao Bruxo do Cosme Velho o título de Filósofo?

1 A FILOSOFIA NO BRASIL COLÔNIA E SUAS INFLUÊNCIAS

*Não te ponhas com denguiques, e falemos como dois
amigos sérios. Fecha aquela porta; vou dizer-te coisas
importantes.*
(ASSIS, 1994, p. 1)

1.1 FÉ E RAZÃO: DOS JESUÍTAS E SUAS INFLUÊNCIAS FILOSÓFICAS.

De início, apenas à caráter de contextualização, lembremo-nos que os jesuítas eram padres ligados à Companhia de Jesus, ordem religiosa de Santo Inácio de Loyola, que, com o intuito de impedir o avanço do protestantismo –ou seja, sendo um dos movimentos de contrarreforma - tinham como missão a evangelização e a conversão à fé católica do mundo, em especial, às colônias. Sendo assim, eles foram parte significativa da formação do Brasil no período colonial, ao passo que, foram responsáveis não apenas pelo processo de catequização dos indígenas, mas, também da educação dos filhos dos colonos. Portanto, podemos concluir que a atuação dos jesuítas no país tinha, além do caráter propriamente teológico, educacional.

Deste modo, os jesuítas criaram as primeiras escolas e universidades brasileiras guiados pela metodologia do *Ratio Studiorum*¹ que, além de fornecer o modelo ideal para o ensino e evangelização à luz de São Tomás de Aquino, configurava também a tutela da Teologia sobre a Filosofia mostrando que, embora no início ela tivera uma característica muito mais religiosa, a introdução ao estudo da Filosofia se fazia presente entre os padres principalmente nos cursos superiores, dado que, compunha a grade formadora para aqueles que quisessem seguir carreira eclesiástica. Esta tutela da Teologia para com a Filosofia era respaldada na ideia de que “Como as artes e as ciências da natureza preparam a inteligência para a teologia e contribuem para a sua perfeita compreensão e aplicação prática, e por si mesmas concorrem para o mesmo fim, o professor, procurando sinceramente em todas as coisas a honra e a glória de Deus, trate-as com a diligência devida, de modo que prepare os seus alunos, sobretudo os nossos, para a teologia, e acima de tudo os estimule ao conhecimento do Criador” (*COMPANHIA DE JESÚS*, p. 65). Assim, a Filosofia não parecia ser, em uma tradução literal, “somente” uma busca pelo conhecimento, mas, um conhecimento de Deus e suas obras.

Logo, quando destacamos a presença dos padres jesuítas no país e até a marcamos como possível início de atividade filosófica brasileira visto às influências não somente tomistas ou aristotélicas vistas na *Ratio Studiorum*, mas, também platônicas entre os beneditinos -outra ordem religiosa da época- devido ao caráter humanista de diversos de seus sermões como o intitulado *Desprezo do Mundo* do Papa Inocêncio III que diz:

¹ Conjunto de normas criado para regulamentar o ensino nos colégios jesuíticos. Sua primeira edição, de 1599, além de sustentar a educação jesuítica ganhou status de norma para toda a Companhia de Jesus. Tinha por finalidade ordenar as atividades, funções e os métodos de avaliação nas escolas jesuíticas. Não estava explícito no texto o desejo de que ela se tornasse um método inovador que influenciasse a educação moderna, mesmo assim, foi ponte entre o ensino medieval e o moderno. Antes do documento em questão ser elaborado, a ordem tinha suas normas para o regimento interno dos colégios, os chamados Ordenamentos de Estudos, que serviram de inspiração e ponto de partida para a elaboração da *Ratio Studiorum*. A *Ratio Studiorum* se transformou de apenas uma razão de estudos em uma razão política, uma vez que exerceu importante influência em meios políticos, mesmo não católicos. O objetivo maior da educação jesuítica segundo a própria Companhia não era o de inovar, mas sim de cumprir as palavras de Cristo: “Docete omnes gentes, ensinaí, instrui, mostrai a todos a verdade.”

Anda pesquisando ervas e árvores; estas, porém, produzem flores, folhas e frutos, e tu produzes de ti, lêmnea, piolhos e vermes; elas lançam do seu interior azeite, vinho e bálsamo, e tu do teu corpo, saliva, urina, excrementos.

(INOCÊNCIO)

Parece-nos justo também mencionar um dos mais conhecidos dentre eles: padre Antônio Vieira (1608- -1697), cuja formação deu-se inteiramente no Brasil. O destaque dado a ele é devido ao caráter propriamente filosófico de alguns de seus textos e sermões como pode ser observado no trecho que diz que o conhecimento de si é o primeiro na ordem do saber ao afirmar que “neste mundo racional do homem, o primeiro móbil de todas as nossas ações é o conhecimento de nós mesmos” (VIEIRA 2001, II, p. 529).

Chegado aqui, o pesquisador Luiz Alberto Cerqueira no artigo A ideia de filosofia no Brasil sugere que estes textos marcariam –para além da literatura- o que seria não somente uma escrita filosófica propriamente brasileira, mas, uma relação que ele chama de filosofia luso-brasileira, de modo que, não é reprodução ordinária da filosofia portuguesa no Brasil, mas, é uma abertura desse universo fechado com vistas ao uso emancipado da razão.

Todavia, para Cerqueira, apesar disso, é somente a partir do século XIX que a Filosofia ganha nacionalidade brasileira visto o processo de “passagem para uma Filosofia Moderna” e emancipação do próprio uso teórico da razão; citando como primeira evidência desse processo histórico do final do século XVIII o poeta Sousa Caldas que publica o poema Ode ao Homem Selvagem (1784), sob a influência da ideia de homem natural em Rousseau. Mais a diante na história filosófica do país, precisamente dez anos após a declaração da Independência, o Frei Francisco do Monte Alverne lecionava aulas de filosofia em um seminário no Rio de Janeiro onde acabara por incentivar Gonçalves de Magalhães, recém-formado em medicina, a estudar o romantismo de Chateaubriand e o espiritualismo de Victor Cousin, como também a combater o sensualismo introduzido pelo magistério de Silvestre Pinheiro Ferreira. Gonçalves Magalhães, além de diversas obras literárias, também se dedicou a escrever textos de caráter filosófico, dentre eles, as obras Filosofia da religião (1836), Fatos do espírito humano (1858) e A alma e o cérebro (1876) sendo muitas vezes considerado o primeiro filósofo o país, mesmo que, posteriormente, tenha recebido tantas críticas, dentre delas, do próprio Tobias Barreto, precursor da Escola de Recife.

Aqui, antes de seguirmos a diante, podemos fazer um pequeno retorno aos jesuítas e, principalmente, à introdução ao conceito de liberdade como princípio de ação, pois, segundo o padre Antônio Vieira, é pela conversão que o indivíduo reconhece a si mesmo preso ao determinismo das leis da natureza, descobrindo, de forma inversa, na própria indiferença ao mecanismo da necessidade, uma via de escape desta prisão. Contudo, esta mesma indiferença, acaba por se transformar em alienação na medida em que se transferem para o domínio do “reino de Deus” todas as aspirações de justiça no mundo da vida

humana, resultando em uma separação real, porquanto vivida, entre os dois domínios. Trata-se, portanto, de negar a indiferença. (CERQUEIRA 2011)

Voltando agora para Gonçalves de Magalhães, ele busca contrapor a liberdade ao espírito contemplativo afirmando que:

Podia Deus sem dúvida criar uma sociedade de espíritos puros, não obrigados a coisa alguma, não sujeitos à menor dor, seres angélicos que vivessem em uma eterna bem-aventurança, só contemplando as maravilhas do seu criador. Mas qual seria o mérito desses espíritos para tanta ventura? Necessita Deus de admiradores inúteis? [...]o que seria então a liberdade humana, se estivesse inteiramente subjugada a instintos naturais? Qual seria o nosso mérito, se nenhum obstáculo se nos apresentasse? O que seria a virtude, se a não praticássemos com algum esforço, vencendo as dificuldades e os vícios com que nos opomos uns aos outros? Qual seria a nossa ciência, quais as nossas artes, a nossa indústria, se as necessidades, as privações e as misérias humanas, a que chamamos males físicos e morais, não nos instigassem a uma contínua atividade livre, a um trabalho incessante? (MAGALHÃES 2004, p. 355-56)

Para Cerqueira, é a primeira vez na história da Filosofia no Brasil que alguém procura reunir provas recorrendo ao campo das modernas ciências da natureza. Todavia, é a preocupação de Magalhães em repelir o sensualismo no mundo da vida que o leva a conceber a teoria da sensibilidade que diz que: as sensações não fazem parte do espírito senão como “sinais de alguma coisa”, sendo o modo de percepção do espírito o que as reúne e conserva em memória, e o que “o faz parecer sensível” pela consciência de algo exterior (MAGALHÃES 2004, p. 185). Gonçalves de Magalhães distingue como sendo irreduzíveis entre si o domínio do espírito e o domínio dos fenômenos físicos, cabendo àquele a primazia na ordem do saber e da ação moral. (CERQUEIRA, 2011).

Mais a diante vindo do “Velho Mundo” o positivismo de Comte e a teoria de Darwin acerca da evolução das espécies por meio da seleção natural também repercutiram no Brasil como instrumentos de combate político tendo grande destaque na Escola de Direito do Recife, onde originou o movimento intelectual chamado de escola de Recife destacando-se Tobias Barreto (1839-1889) e Sílvio Romero (1851- 1914). O uso da ciência como um espelho imparcial para ver a condição histórico-cultural de si mesmo como povo caracterizou o cientificismo liderado pelos dois em um amplo programa de modernização cultural, incluindo a própria ideia de cultura. (CERQUEIRA 2011, p. 179).

De outro modo, a defesa desta nova escola de pensamento era que as ideias filosóficas ou possuíam sua origem na história da cultura nacional ou não, no entanto, indiferente às premissas, a história universal da Filosofia continua a sua marcha para o futuro. Esta constatação faz com que Sílvio Romero e Tobias Barreto se convencessem que havia certo

“atraso” na Filosofia Brasileira, pois, estava ainda muito subordinada à religiosidade e a influência do aristotelismo presente na *Ratio Studiorum* concluindo que a única solução para o desenvolvimento de uma inteligência nacional seria buscar no estrangeiro a fonte de sua inspiração marcando o período com o estudo de diversos autores considerados clássicos na Filosofia como Kant e Hegel juntamente aos tratados de suas respectivas áreas. Embora em um primeiro momento ambos os autores tenham buscado no exterior fontes filosóficas mais consolidadas, é ao fazer a crítica dos fundamentos psicológicos do espiritualismo adotado por Gonçalves de Magalhães, que Tobias Barreto consolida a ideia da modernização no Brasil e abre em definitivo a perspectiva de uma Filosofia brasileira. (CERQUEIRA 2011, p. 184).

O homem, afirma Tobias Barreto, não é só a consciência de si como razão ou pensamento, mas, é ainda, e principalmente, a consciência de si como sociedade, como povo. Seria pobre a definição do homem como animal racional, ou como uma coisa que pensa, senão como um animal que tem “a capacidade de conceber um fim e dirigir para ele as próprias ações, sujeitando-as destarte a uma norma de proceder (BARRETO 1990, p. 302).

Portanto, chegando até aqui podemos observar que temos como base filosófica brasileira, não somente a influência dos jesuítas, mas, também os desdobramentos que vieram a partir dela, como fora citado no artigo de Cerqueira que busca estabelecer uma relação entre padre Antônio Vieira, Gonçalves de Magalhães, Tobias Barreto e Farias Brito, como referências para compreender a origem do conceito da consciência de si no Brasil e, por conseguinte, compreender o que seria para ele as condições suficientes e necessárias para uma verdadeira história e produção da Filosofia no Brasil e ainda mais, com base nisso podemos perceber que houveram diversas formas de se produzir conteúdos filosóficos assim como há também diversas formas de olhar como é o processo de criação de conhecimento no país e dentre eles temos a concepção de que uma filosofia brasileira deve ser entendida como o exercício filosófico que surge de uma brasilidade latente, ou seja, parte da ideia do brasileiro enquanto protagonista que, olhando para as diversas situações que o cerca, passa a se questionar: questionar a forma de sociedade em que está inserido e as situações que lhe são impostas realizando dois dos pontos cruciais para o exercício filosófico: o observar e o questionar. Por outro lado, podemos também tradicionalmente caracterizar a filosofia como um conjunto que possui determinados elementos, ao passo que, possui um autor; uma nacionalidade e um objetivo partindo do pressuposto de que as questões filosóficas são universais e, logo, podem ser questionadas ou refletidas sob diversos aspectos e em diversos países.

Sendo assim, em ambos olhares para as “engrenagens” do exercício filosófico encontramos legitimação para ele longe das amarras de um determinismo acadêmico e europeu que sempre se apresentou como o correto, de modo que, conhecemos o conceito de filosofia, mas, não a forma porque ela simplesmente não existe registrada em lugar algum já que na

história da filosofia vemos diversas manifestações filosóficas escritas de distintas maneiras como as aporias e os diálogos –presente em Platão- a carta –presente em Epicuro- os romances –como visto em Camus-; entre outros tantos exemplos.

Ainda de forma mais esclarecedora: anteriormente no início de nossa reflexão pontuamos como tônica esclarecer o fato de sermos um país colonizado com mente de colonizados, porque essa forma dada à filosofia nada mais foi que uma imposição da colônia que se colocava como modelo: modelo de civilização; como modelo de vida; como modelo de economia/sociedade; como modelo de filosofia. Logo, mesmo que feita de maneira semelhante, uma colônia não tem nada a oferecer que não seja copiando de seus colonizadores e “salvadores”.

Sendo assim, cabe a nós filósofos e filósofas, não abandonar o estudo de pensadores ditos clássicos como um movimento de revolta pois, “apesar dos pesares” cada obra possui seu valor para área do conhecimento e muito a agregar na história do conhecimento ocidental, todavia, cabe a nós também -principalmente ainda como um exercício filosófico- perguntar o porquê de apenas uma ser considerada clássica e, pior, o porquê de termos aceitado isto. Com base nesta reflexão e perfazendo um caminho ainda um tanto quanto pessimista do desenvolvimento da filosofia no Brasil, pensemos agora no conceito de originalidade.

No artigo Panorama histórico da Filosofia no Brasil: da chegada dos jesuítas ao lugar da filosofia na atualidade de Thiago Ferreira dos Santos podemos ver que uma vez aceito o fato de que, enquanto colonizados, sofremos um processo de apagamento e epistemicídio, parece-nos difícil falar sobre originalidade. Ela custaria abandonar tudo que nos foi imposto e recomeçar ou retomar de onde paramos? Ou é deglutir uma cultura hegemônica tal como propõe o movimento antropofágico de Oswald de Andrade²? Ainda no artigo sobre o conceito de originalidade é afirmado que precisamos considerar também as influências sofridas pela filosofia já feita em solo brasileiro, além daquelas estrangeiras, sendo uma delas a reforma pombalina que colocou a Filosofia em um patamar não de conhecimento formador e essencial, mas, de profissionalizante servindo para a formação de professores de filosofia e não de filósofos. Aqui cabe uma ressalva de que não se trata de um rebaixamento da categoria educacional filosófica, já que o ensino da filosofia é sem dúvida um dos mais nobres exercícios visto a possibilidade de afloramento da criticidade na mais singela das pessoas e instrumento de luta para aqueles que não tem, mas, é para servir como de um alerta do porquê termos tanta dificuldade em tratarmos-nos como filósofos; e a raiz não é a formação, já que, temos hoje mentes brilhantes que ensinam, produzem,

² "O “Manifesto antropófago” foi publicado no número 1 da Revista de Antropofagia por Oswald de Andrade insapiado na obra Abapou de Tarsila do Amaral e inaugurou o movimento antropofágico. Emboa o título de manifesto, ele possui mais cunho artístico do que funcional sendo escrito em fragmentos sem uma sequência lógica. Nele, há referências históricas, sociais e até científicas tendo como objetivo defender a supremacia da cultura nacional. Sendo assim, antropófago é sinônimo de brasileiro ao passo que, nessa perspectiva, nosso povo “comeria” a cultura estrangeira de forma a ressignificar tal cultura, ao acrescentar ao empréstimo cultural elementos unicamente nossos, identitários.

orientam e criam, mas, é a própria história que afasta a ideia de produção filosófica.

Ainda que esta reforma tenha trazido tamanha perda, é importante salientar que houve e há filósofos brasileiros, o que parece não haver é incentivo e valorização de um pensamento que seja autenticamente “nosso” e fora dos padrões europeus, pois, quando há parece ser ainda limitado ou tratado de maneira extraordinária, quando não delegado para outras áreas do conhecimento; sendo um ponto muito discutido pelo filósofo e escritor Roberto Gomes na obra *Crítica da Razão Tupiniquim*, pois, qual caminho tomaremos para solidificar uma ideia não de Filosofia no Brasil, mas, do Brasil se, mal conhecemos nossa história? Como definir um modelo para filosofia quando nem outros países o fazem mais por reconhecer que se trata de nada mais que hegemonia? São questionamentos presentes no texto cujo nos debruçaremos a partir de agora para darmos andamento em nosso trabalho e nos aproximar mais da resposta à nossa pergunta elementar.

1.2 CRÍTICA DA RAZÃO TUPINIQUEM: O QUE PODEMOS CHAMAR DE FILOSOFIA BRASILEIRA?

A obra que intitula este segundo tópico em que trabalharemos é de autoria de Roberto Gomes, foi escrita em 1977 e tem por intuito compreender a Filosofia Brasileira e, principalmente, se ela existe, partindo de uma reflexão incomum que é sobre o tema da seriedade; afinal, o que significa ser sério e qual a relação deste conceito com a Filosofia?

Para guiar esta reflexão logo no início o autor fala sobre quem é o povo brasileiro e quais são os estereótipos que nos ilustram ao mundo estrangeiro e ao longo da história; concluindo que, um deles, além do samba e do futebol, é o riso e a piada; afinal, o que é mais contagiante e acolhedor que a “alegria” do povo brasileiro? Quem é este povo que parece sempre estar em festa? Este estereótipo não surge da ideia do riso de felicidade, mas, do riso diante de tudo, até mesmo daquilo que não se deveria rir. Somado a isso, temos também o estereótipo de sermos “o povo do jeitinho”, da ideia de que “só não se dá jeito para morte, mas, de resto...”. E assim, para o autor, é construída a imagem do Brasil: do povo que ri de tudo e se conforma com tudo conforme é ilustrado no trecho inicial que diz:

Partamos de algo específico: Mal sabemos o que é uma Razão Tupiniquim. Uma piada, talvez. Hipótese que nos causaria grande prazer. Gostamos muito de piadas. Há todo um espírito brasileiro que se delicia com a própria agilidade mental, esta capacidade de ver o avesso das coisas revelado numa palavra, frase, fato. Somos, os brasileiros, muito bem-humorados. Conseguimos rir de tudo. Do governo que cai e do governo que sobe. Das instituições que deveriam estar a nosso serviço, dos dirigentes que deveriam representar nossos interesses. E não é só. Chegamos a fazer piada

sobre nossa capacidade de fazer piadas. Nada mais do que a série de piadas onde representantes de outros países são ridicularizados pelo desconcertante “jeitinho” de um brasileiro. (GOMES, 1977)

Todavia, quando é dada a hora de falar sério e ao momento já não cabe mais as piadas, o brasileiro alegre e caçador parece sair de si mesmo e assumir uma postura de homem sério, de modo que, esta seriedade, rege comportamentos de acordo com aquilo que deve ser feito (em outras palavras, quando é necessário ser sério, o homem age de acordo com o que é socialmente correto) seja nas tratativas de sua vida particular seja nas de sua vida profissional. Há também o homem que leva “à sério” determinadas coisas, ou seja, o homem que, embora tenha seu “jeitinho”, coloca no outro uma importância tamanha que sua tratativa deve ocorrer de maneira distinta de outras e assim o valor não está mais no homem como no primeiro caso, mas, na “coisa”, pois, é ela que exige seriedade e atenção. Por fim, temos outra característica para o homem sério que é aquele que, seguindo suas ambições e desejos, age de forma séria e determinada para atingir seus fins.

Até aqui o que podemos perceber é que para que o homem brasileiro possa ser sério ele precisa sair de si mesmo; de suas características e de sua natureza ou, de outra maneira, tratar de forma distinta algo externo a si mesmo para conseguir o que deseja.

Embora possa parecer uma reflexão um tanto quanto obtusa e até estranha, ela passa a ganhar forma quando o autor explica que essa ideia de seriedade; de sair de si mesmo para receber “respeito” ou da necessidade de tratar o que é externo de forma diferente se estende a tudo que é tratado no Brasil, inclusive, e talvez principalmente, na própria Filosofia, de modo que, o autor acabe por concluir que a filosofia brasileira, para atingir um grau de seriedade, se torna nada mais que um conjunto de ritualismos exacerbados de forma que pouco importa o que seja dito, mas sim, a forma em que é dita sendo ela o objeto externo de tamanha seriedade que o brasileiro precisa tratá-la de forma diferente para expressar seu valor enquanto pensador.

Ele chega a citar que essa atitude de se “transformar em um homem sério” e de “lidar com a filosofia de modo sério” é como vestir um terno e uma gravata feitos de um arcabouço de padrões já consagrados e intocáveis. Um exemplo um tanto quanto cômico é a introdução feita neste trabalho que faz de maneira exagerada o uso de uma linguagem não somente quase, mas, praticamente inacessível e pedante justamente em respeito a uma norma acadêmica tão exigente em que o básico é fazer uso de palavras seletas, pois, afinal, trata-se de uma nobre área de conhecimento e não pode ser dita de “qualquer jeito”.

Por fim, para o autor, a filosofia brasileira está tão presa neste “terno de seriedade” que, “no fim das contas”, ela acaba não tendo muito o que dizer com um ar propriamente filosófico e brasileiro, mas, apenas replica padrões e escritas europeias ora vazios, ora irrelevantes. Com a tentativa de contornar esta situação, ele propõe voltar à origem da Filosofia que, segundo ele, nasce de um problema (por isso suas ditas grandes áreas serem a política, a estética, a ética, etc) pois, são ligadas às situações que circundam a

sociedade concluindo que o problema filosófico não é dado, mas, desdobrado pela reflexão e observação.

Sendo assim, partindo deste pressuposto, qual seria o problema brasileiro no qual nos debruçaríamos e perderíamos noites de sono para tentar resolver? Uma vez que seja coerente dizer que eles existem e “aos montes”, onde estão suas especulações? Questionar isso fez com que o autor tivesse duas conclusões: ou a Filosofia brasileira apenas sabe e se debruça sobre questões de outra época com um esforço tão inalcançável que, inversamente proporcional, mal sabe falar sobre o que está diante de seus olhos perdendo espaço para outras áreas do conhecimento como a música, a poesia e a literatura, uma vez que, elas parecem ter mais a dizer que a própria Filosofia; ou o filósofo até vê os problemas que cercam sua sociedade, no entanto, na tentativa de resolvê-lo da melhor maneira possível, acaba por investigá-los com as perspectivas de autores do exterior, pois, afinal, se o processo filosófico é sério, e “não o somos”. precisamos buscar em quem é a resolução para nossos problemas, revestindo-nos assim deste terno de “rubricismos” e de seriedade que nos foram impostos deixando-nos em um estado de contínuo conflito, uma vez que, o que nos é apresentado na verdade são soluções estanhas para nós, já que, são vindas de uma sociedade, de uma época e de um pensamento estranhos e contrários ao nosso.

Para este fenômeno o autor dará o nome de Razão Ornamental que é aquele pensamento que é construído de forma bonita, correta, padronizada, mas, na verdade, não tem muito a dizer. É somente uma razão academicista e tradicional e para se desvencilhar disto o filósofo precisa abandonar este terno e fugir deste sério que sufoca a produção e o pensamento brasileiro além de excluir todos aqueles que produzem de maneira diferente.

Um fato curioso acerca do título da obra *Crítica da Razão Tupiniquim* é que o conceito de tupiniquim não é referente aos povos originários, mas, uma forma de se referir a nós, enquanto colonos, como “povos selvagens”; não civilizados, ou seja, é um conceito que carrega um significado extremamente preconceituoso, estereotipado e pejorativo podendo ir além quando usado para denominar um modo de fazer algo, por exemplo, “coisa de tupiniquim”; “coisa de brasileiro”. Contudo, quando o autor resgata este conceito apesar de sua terrível simbologia e opta por usá-lo é justamente porque ele busca propor uma filosofia propriamente brasileira “doendo a quem doer”; um real jeito brasileiro de “fazer as coisas” e, se isso é tão ruim, só o é porque aceitamos nos colocar em um patamar abaixo dos europeus quando deliberadamente rebaixamos nossa língua; nossa cultura; nossa ciência, pois, a frase só ganha potência não quando dita pelos estrangeiros, mas, quando aceita e dita por nós mesmos nos famosos ditos de “tinha que ser Brasil, não é?”. Sendo assim, em um sentimento de revolta, que se faça uma *Crítica da Razão Tupiniquim*; uma *Crítica “à moda da casa”*.

Ao longo do texto percebemos que o autor da *Crítica* chega a ser um tanto quanto cruel ao falar do processo filosófico brasileiro condenando expressamente diversas práticas acadêmicas que apenas replicam comportamentos de caráter conservador e nada inovador

de forma a perpetuar um modelo de discurso, transformando em importante os nomes que cumprem bem com essa tarefa e descartando aqueles que não o seguem.

Seguindo esta mesma ideia, Silvio Romero, da Escola de Recife, afirma na obra *A filosofia no Brasil*, de 1876 que:

Na história do desenvolvimento espiritual no Brasil há uma lacuna a considerar: a falta de seriação nas ideias, a ausência de uma genética. Por outros termos: entre nós um autor não procede de outro; um sistema não é uma consequência de algum que o precedeu. É uma verdade afirmar que não temos tradições intelectuais no rigoroso sentido. (ROMERO, 1876)

Neste trecho, podemos notar que tanto Silvio, quanto Roberto, possuem uma visão certamente pessimista da filosofia brasileira, pois, para aquele autor, o Brasil também “não tem cabeça filosófica” e o que teria causado isso, diferente do que acharia Roberto, seria a falta de tradição filosófica. Para ele, enquanto houve na Europa uma certa “sucessão”, ou seja, um autor continuou o trabalho de outro filósofo, seja para dar continuidade nas ideias propostas, seja para contradizê-los com teses que contrapunham diretamente aquelas feitas inicialmente acabando por, inconscientemente, gerar uma tradição filosófica; tal aspecto não haveria ocorrido aqui no Brasil, pois, ainda que haja produção, ela não é prosseguida e fortalecida tornando-se uma corrente filosófica, mas, pelo contrário, é transformada apenas em ideias soltas. Logo, como poderia haver uma história da filosofia brasileira se ela não se sustenta, visto que, o que existe são nada mais que retalhos de diversas ideias?

Apesar das pontuações colocadas por ambos autores acerca do que tem sido o desenvolvimento da filosofia no Brasil, julgo que seja importante esclarecer que, embora ambas as obras sejam de caráter essencial para pensar a Filosofia hoje no Brasil, não é em todo momento que elas pareçam julgar corretamente, pois, de fato somos um país em que há uma extrema influência europeia em nosso modo de fazer filosofia e ainda somos relutantes em aceitar aquilo que não pertence ao cânone europeu, assim como, também é fato de que dificilmente vemos esta ideia de sucessão filosófica no Brasil que Romero menciona, no entanto, em contrapartida, não é recente que diversos autores, apesar de possuírem suas linhas de pesquisas mais “eurocentradas” e tradicionais, se dispuseram também a falar sobre o que é o Brasil e sobre as “arruaças e encruzilhadas filosóficas” ainda que, de início, tenha sido de forma um pouco tímida. Além disso, embora a Universidade ainda seja uma instituição extremante tradicional e pouco inovadora, tem crescido muito a produção acadêmica autocrítica que busca pensar a si mesmo e seu papel na sociedade enquanto instituição científica brasileira; somado também àqueles que nomeiam diversos novos conceitos e teorias, como Djamila Ribeiro, Marilena Chauí, Lélia Gonzalez, e, em especial, Luiz Alberto Cerqueira Batista que dedica-se a estudar a filosofia brasileira, além de tantos outros nomes que buscam filosofar a respeito de temas semelhantes contradizendo a ideia de que não haja sucessão.

É necessário sim refletir o conteúdo da crítica colocada por Roberto Gomes e Silvio Romero, afinal, de fato o Brasil é um país de uma filosofia ainda muito conservadora e que, apesar de tantos nomes lembrados e até mencionados anteriormente, não possui a si mesma em seu cânone filosófico. Evidente que, seguimos na defesa que não é necessário abster de tudo que fora construído antes para que possamos falar sobre originalidade, afinal, corre-se um risco também de banalizar a filosofia com frases e falas sem qualquer profundidade muito difundida pelos ditos autodidatas, todavia, o que é preciso entender é que há outras formas também de se fazer filosofia e esse “jeito” diferente nada mais é do que expressão da própria filosofia brasileira sendo mostrada tal como Gomes havia dito, visto que, não há como ela se comportar de maneira europeia porque ela não é; porque na verdade ela foi e é colonizada até hoje; o que interfere diretamente em seu modo de ser e pensar.

Neste ponto, podemos até ousar dizer que a independência na verdade é quase um mito quando percebemos o quanto ainda somos oprimidos pelo “primeiro mundo” e seus ideais de beleza, de cultura, de sociedade e de filosofia. Assim, é necessário defendê-la e não somente aquela acadêmica, padronizada e excludente, mas, também aquelas produzidas de outras formas há muito mais tempo do que pensamos e, neste sentido, diferentes correntes parecem ter sido muito assertivas para falar de filosofia visto sua liberdade das amarras de uma escola filosófica ou outra apenas dizendo o que precisava dizer. Para isso, temos como exemplo o ocorrido no dia 06/03/2024 em que o grupo brasileiro de Rap Racionais MC’s recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Estadual de Campinas, pois, pela primeira vez uma instituição de ensino superior passa a compreender que, para além de seus muros, a produção intelectual também é possível e, principalmente, existente.

Ligado a esse fato e voltando agora ao texto, Roberto foi muito feliz em dizer que a Filosofia nacional precisava abandonar esta alienação filosófica que nos impede de valorizar a maneira com a qual pensamos no Brasil.

Partindo disto, em um momento do texto que até mencionamos aqui, o autor fala que, com tantos academicismos, a filosofia brasileira foi ganhar espaço em lugares fora dela como na música, na poesia e na literatura. É daqui, agora que continuaremos, pois, uma vez identificado o desenvolvimento da filosofia no Brasil, as dificuldades das quais ela passou para se provar capaz e eficiente, vejamos agora como desde o Império ela insistiu em permanecer e surgir tal como aquele problema que Gomes tanto mencionava que serviria como o guia da prática filosófica. Vejamos agora o como um autor em especial se deparou e lidou com diversas questões e hipocrisias da sociedade, da ética e da política de seu tempo de maneira cética, humanista, literária. Vejamos um possível filósofo, Machado de Assis.

1.3 QUAL LUGAR MACHADO DE ASSIS OCUPA NO PENSAMENTO FILOSÓFICO BRASILEIRO DO SÉCULO XXI?

De início, o que mais marcava a obra machadiana e principalmente seu autor como um dos maiores nomes da literatura nacional era sua escrita; ou seja, a forma pela qual Machado escrevia de fato era sinal de grande intelectualidade e conhecimento do autor, visto sua escolha de palavras, sua organização textual, seu conteúdo, etc, de modo que, em contrapartida, se tornaram aspectos muito questionados por seus críticos que viam nele nada mais que mais um representante do tradicionalismo brasileiro imperial que tanto desejavam combater, pois, a forma que ele escrevia estava cada vez mais próxima da elite intelectual e comercial do que das outras pessoas que não estavam inseridas neste meio.

Silvio Romero, um dos seus críticos mais ferrenhos, chegou a mencionar que as obras machadianas teriam um estilo gago e epilético; sua prosa seria “plácida”, “igual”, “compassada”, “sem colorido”, “indecisa”, “cheia de voltas”, “enfadonha”. Enfim, ele repisa, repete, torce, retorce tanto suas ideias e as palavras que as vestem, que nos deixa a impressão dum perpétuo tartamudear (ROMERO, 1936, P. 55-56).

Embora a crítica ácida colocada por diversos comentadores, mas, principalmente por Romero às obras machadianas pensemos por outra perspectiva na tentativa de salvar nosso autor de defensor do tradicionalismo: realmente Machado possuía uma forma extremamente rebuscada de escrever, modo que, sua prosa agradava principalmente as classes mais abastadas de sua sociedade, e é fato também que era seu desejo particular de ascensão social que o fazia estar mais na companhia da alta burguesia do que com os moradores do Morro do Livramento, no Rio de Janeiro onde havia crescido e se desenvolvido. Todavia, para nos localizar acerca da sociedade em que nosso autor estava inserido, recorramos ao artigo *Escolarização e Analfabetismo no Brasil: Estudo das mensagens dos presidentes dos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Norte (1890-1930)* de Ana Emília Cordeiro Souto Ferreira e Carlos Henrique de Carvalho, que afirma que a taxa de analfabetismo no século XIX atingia 82,3% da população na faixa etária 5 anos ou mais; logo, como Machado de Assis poderia escrever para as camadas menos favorecidas se elas sequer poderiam ler?! Ainda que sua escrita fosse menos regada de referências científicas, filosóficas, etc, ainda não seria acessada pela população pelo simples fato dela não saber ler.

Sendo assim, aqui podemos notar que, propositalmente ou não, a escrita e a dita ironia machadiana ligada ao estilo de escrita que teria marcado o início do realismo no Brasil poderia talvez ter um endereço: era aquela burguesia brasileira que Machado tanto conhecia e que ele desejava denunciar: suas hipocrisias, suas sujeiras, e, principalmente, sua podridão.

Enquanto observador de seu tempo, o escritor pontuava de forma certa os “bons hábitos” que tanto rodeavam a cidade carioca do século XIX, tal como foi visto por André Monteiro Guimarães Dias Pires e Raquel Peralva Martins de Oliveira, Professor da

graduação e do mestrado de Letras do CES/JF e aluna de mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora, respectivamente, e impresso no artigo Machado de Assis: a realidade e o Realismo onde afirmam que:

A crítica machadiana à realidade brasileira incide menos sobre seus possíveis fatos positivos e mais sobre o modo como a sociedade produz discursos (vale dizer interpretações) sobre a realidade, bastando lembrar O alienista, narrativa que trata a ciência como política, revelando que o conceito de loucura está muito mais associado a uma perspectiva político-discursiva (a relação de poder estabelecida entre cientista e sociedade) do que uma positividade fisiológica. Como observou Flora Süssekind (1998, p. 130), se no romance realista-naturalista típico, o tema do adultério é tratado como fato inquestionável (vide O Primo Basílio), em Dom Casmurro ele é, como já mostrou Silviano Santiago, relacionado à retórica patriarcal da elite brasileira: “Machado de Assis [...] quis com Dom Casmurro desmascarar certos hábitos [...] enraizados na cultura brasileira, na medida em que ela foi batizada pelo bacharelismo”. (SANTIAGO, 2000, p. 46). (PIRES E OLIVEIRA, 2010)

Assim, podemos ver que “seja como for” a escrita machadiana não era “feita ao léu”, mas, tinha uma finalidade e um destino: os olhos e a mente da burguesia carioca. Deste modo, o que significa perguntar qual o lugar que Machado de Assis ocupa no pensamento filosófico brasileiro do século XXI que instaura este terceiro tópico? Significa que devemos olhar para além do autor e suas obras, ou seja, é ver e ler Machado de Assis para além de um escritor do século XIX, mas, como um filósofo de outra época que ainda tem muito a dizer também sobre a época na qual nos encontramos. Significa olhar para sociedade em que ele esteve inserido antes e para qual estamos atualmente e, infelizmente, encontrar semelhanças, mas, com a esperança de também encontrar soluções concluindo, enfim, que a obra machadiana é uma obra atemporal, pois, aparentemente, nada mudou. Evidente que, há traços que existiam antes narrados com tamanho naturalismo que hoje não existem mais, como por exemplo o contexto escravagista presente em diversas obras como Memórias Póstumas de Brás Cubas. No entanto, será? Será que são poucas as semelhanças sociais mesmo?

Roberto Schwarz, crítico literário e professor aposentado de Teoria Literária Brasileira tendo lecionado na USP e UNICAMP, possui, entre outras, uma obra intitulada UM MESTRE NA PERIFERIA DO CAPITALISMO: Machado de Assis e um ensaio intitulado As ideias fora do lugar onde procura analisar uma figura por nós tão bem conhecida, no caso, Brás Cubas não apenas como personagem literário, mas, como retrato social.

De início, alguns comentadores da obra e inclusive o próprio Schwarz colocam Machado em um patamar não de “mero” escritor, mas, de um intérprete da formação ou,

como genialmente colocam, deformação sócio-histórica do Brasil, de modo que, quando ele passa a contar a história de Brás Cubas, na verdade, ele está contando a história da formação da elite brasileira começando pela premissa de "quem é Brás Cubas?" tendo como resposta "Brás Cubas é filho do privilégio".

Quando Brás Cubas é, de certa forma, desumanizado pelo autor e transformado em fato histórico o que encontramos por trás desta figura é a elite brasileira como um todo que, diferente de grande parte da população, não está fadada a maldição bíblica, como diz o professor Flávio Ricardo Vassoler, de "comer o pão com o suor do rosto", mas, são herdeiros e, no devido momento, precursores do privilégio burguês tal como o personagem Brás Cubas também o é. Assim, o que encontramos em ambas as épocas, a que fora ambientada por Machado no século XIX e a que nos encontramos agora, além dessas posições de prestígio e burguesia, é a dualidade de progresso e regresso gerada principalmente pelas ideias liberais que inundaram o país, pois, tinham-se antes "um bando de ideias novas": positivismo, naturalismo, e diversas formas de evolucionismos que disputavam a praça com novas escolas (SCHWARZ, 1938) a fim de levarem o Brasil para o avanço que tanto almejavam, de modo que, passa-se a incentivar entre os brasileiros da época a ideia de comércio, de liberdade, de emancipação ao mesmo tempo que, como visto antes, quase 90% da população continuava analfabeta e mal sabia das mudanças que a sociedade passava, somado ao fato também de muitas famílias ainda possuírem escravos e ainda aquelas que não possuíam mais, estes chamados agora de "alforriados" que na verdade se encontravam jogados às margens quase preferindo voltar para situação anterior já que a sociedade não havia sido preparada para eles.

Essa dicotomia não se restringe apenas àquela época, mas, hoje também na nossa sociedade quando pensamos em uma ideia de livre comércio, de aquisição de bens, de liberdade financeira disso ou daquilo quando na verdade mais da metade da população apenas sobrevive com um salário-mínimo e está longe de atingir esta falácia vendida a preço de controle sistêmico. Logo, se considerarmos que esta obra inaugura o Realismo no Brasil qual realidade que ela busca escancarar? A de um país com um sistema nascente extremamente hipócrita onde muito é prometido e quase nada é retornado.

O que fora colocado também pelo autor é a ideia de sucessão; afinal; quem são esses burgueses da atualidade se não netos, bisnetos de Brás Cubas? São eles que dirigem a sociedade, que apenas aproveitam dos frutos do trabalho de outros tantos de maneira quase alienada já que não sabem nem mesmo de onde vem a fruta que comem no café da manhã tal como é colocado na obra de Schwarz que diz que:

Assim, uma vez que a sociedade assentada sobre a escravidão é comparativamente estática, o princípio da competição universal fica privado de significação dinâmica, e passa a expressar algo menos portentoso, da ordem da coincidência de todos na picuinha e no ciúme. Nem por isso as idéias humanistas deixavam de ter

função: atestavam a tintura moderna — filosófica e científica — de dois figurões; davam justificativa ilustrada à indiferença dos ricos pelo destino de seus dependentes, indiferença que à luz de orientações mais tradicionais pareceria indecorosa; e explicavam por fim o caráter necessário e legítimo da exploração colonial e de suas seqüelas presentes. “Mas eu não quero outro documento da sublimidade do meu sistema, senão este mesmo frango. Nutriu-se de milho, que foi plantado por um africano, suponhamos, importado de Angola. Nasceu este africano, cresceu, foi vendido; um navio o trouxe, um navio construído de madeira cortada no mato por dez ou doze homens, levado por velas, que oito ou dez homens teceram, sem contar a cordoalha e outras partes do aparelho náutico. Assim, esse frango, que eu almocei agora mesmo, é o resultado de uma multidão de esforços e lutas, executadas com o único fim de dar mate a meu apetite. Entre o chá e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o seu sistema era a destruição da dor. (SCHWARZ, p.105)

Levando-nos a compreender outra coisa: se, tal como Brás Cubas fez, a burguesia brasileira apenas usufrui de seu privilégio, para quem funciona a “livre concorrência”? O autor dirá que esse mundo imaginário é para os pequenos. Todas essas histórias de progresso, de emancipação, de liberdade são apenas para os menores já que a burguesia já usufrui disso a muito tempo. Schwarz, enquanto leitor de Marx, trará para sua escrita diversos conceitos presentes nas obras marxistas e por isso aqui ele traz esta realidade de que a ideia da livre concorrência, do livre mercado, seja qual for o nome não é aplicado para os burgueses, filhos do privilégio, mas, para os demais, para os que movem este sistema liberal, logo esses burgueses apenas teriam o trabalho de criar um exército de reserva (conceito de Marx) que se refere àquelas inúmeras pessoas na fila do desemprego que se dispõe a trabalhar no que aparecer porque precisam; que cantam ao vento e as ruas que “para quem quer, há muito trabalho” se esquecendo que na verdade esta condição não é contingente, mas, articulada; pois, se hoje temos lado a lado progresso/tecnologia/inovação versus fome/desemprego/desigualdade nada mais é que um projeto de um sistema retratado por Machado de Assis lá no século XIX, pois, para que Brás Cubas possa ir para Europa “estudar”, para que possa vadiar, criar seu Emplasto, passar seus dias a pensar sobre a vida e passear por sua adorável cidade, muitos precisam trabalhar.

Embora não seja o foco aqui, a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* nos serve para lembrar o porquê de não somente pensar filosoficamente Machado de Assis e qual a importância de sua escrita até hoje, mas, de vê-lo como de fato um filósofo que encontrou um dos motores para filosofia brasileira pois, nada mais atual que um diagnóstico de uma sociedade extremamente hipócrita e desigual. É por esse e tantos outros desdobramentos

que sua obra se torna tão atual aos nossos dias, pois, o que haveria de ter mudado? Talvez nomes e nada mais.

A leitura machadiana, antes retida aos críticos e literatos, agora se faz necessária aos filósofos, pois, se antes, como havia proposto Roberto Gomes, era necessário que encontrássemos um problema brasileiro para nos debruçar e fazer filosofia, Machado de Assis parece nos ter entregado "de bandeja" só nos restando agora saber o que fazer, pois, o que faremos com esse dualismo social? O que é necessário para resolver o impasse que este sistema tão bem alicerçado plantou?

Talvez sejam perguntas que nos encham de amargura, pois, parece-nos difícil de resolver, mas, comecemos pelo mais simples: esclarecer pequenas incongruências que alguns indivíduos insistem em alimentar: como a ideia de liberdade ao lado do "volta ditadura"; de democracia, mas, sem a presença de oposição; de educação, mas, sem investimento, de progresso, mas, sem fim da desigualdade entre tantos outros.

Reiteramos, por fim, a premissa dita logo no início: Machado de Assis escrevia para a burguesia, pois, naquele momento era apenas ela que podia ler, mas e agora? Se os filósofos europeus parecem tão difíceis e complicados, que possamos descomplicar nosso filósofo do Morro do Livramento para que a filosofia no Brasil continue a se desenvolver tal como deve.

Por fim, aqui, vemos surgir enfim um novo motivo para consideramos Machado de Assis não somente um dos maiores escritores do Brasil, mas, um dos maiores filósofos brasileiros também: sua capacidade de detectar e denunciar a realidade em que a sociedade brasileira se encontrava e ainda se encontra com um estilo único e marcante, com um ceticismo e uma ironia tão essenciais à nossa época. Adentremos agora em um novo capítulo: Machado de Assis, filósofo.

2 MACHADO DE ASSIS: FILÓSOFO

Entendamo-nos: no papel e na língua alguma, na realidade nada. "Filosofia da história", por exemplo, é uma locução que deves empregar com frequência, mas proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade etc., etc (ASSIS, 1994, p. 7)

2.1 O QUE PODERIA CONFERIR O TÍTULO DE FILÓSOFO PARA MACHADO DE ASSIS?

Para iniciar este novo capítulo, partiremos por primeiro do artigo escrito por Daniel Benevides intitulado A literatura como marca da expressão filosófica brasileira: O caso Machado de Assis. Ele parte da ideia de que falar de filosofia brasileira parece ser nada mais que a exposição a respeito de comentadores de assuntos filosóficos, ou seja, de outro modo, é como se não houvesse capacidade crítico-reflexiva quando nos referimos a produção filosófica brasileira restando apenas a capacidade de comentar obras. Logo, é como se a produção nacional passasse por um processo de invisibilidade onde o que é feito parece ser irrelevante e o que é comentado é só um “trabalhinho” muito bem-feito.

A raiz dessa desvalorização vem como já vimos anteriormente de Silvio Romero na obra A filosofia no Brasil onde ele a tratou de forma banal e com o intuito de desqualificação do próprio objeto de estudo rebaixando a história da Filosofia no Brasil, além de, e talvez isso tenha sido o pior que ele possa ter feito, classificar os autores de tal modo que os tornou indignos de exercer postos filosóficos e ser tratados dessa forma, herança que nos persegue até hoje.

Podemos ver isso no trecho em o autor diz que:

Esses estudos de história da filosofia realizaram aquilo que Canhada entende como um sequestro epistemológico, pois fora retirada dos pensadores brasileiros a possibilidade de oferecer critérios específicos de compreensão para as suas iniciativas filosóficas, o que caracteriza uma insuficiência fundamental, ou seja, uma tentativa de apagar os nomes dos filósofos brasileiros no mesmo ato que os pronunciava (2020, p. 61).

(BENEVIDES, 2021)

Para o autor deste artigo, não configura um epistemicídio apenas o apagamento da produção filosófica nacional, mas, o assassinato da capacidade intelectual que o pensador brasileiro tem de perceber a si mesmo, ou seja, não bastava falar que não se produzia filosofia no Brasil, precisou doutrinar o homem brasileiro para entender que ele não seria capaz de fazer aquilo. Deste modo, para que seja possível reverter isso, é necessário compreender que para entender a filosofia brasileira é necessário primeiramente entender o que ela é; desde suas peculiaridades e campos de interesse até como ela se manifesta, pois, ela possui uma formação e base em uma cultura diferente, sendo desenvolvida, entre outras maneiras também, por meio da literatura; e a legitimação para esta forma de expressão, além de sua própria cultura, são as manifestações filosóficas feitas desse mesmo jeito na história da filosofia ocidental como, por exemplo, em A peste, de Camus, os diálogos e aforismos em Platão, entre tantos outros exemplos.

Quanto a produção filosófica nacional, Daniel irá nos dizer que:

A produção filosófica brasileira tem um modo próprio de se dar,

*segundo o desenvolvimento da própria cultura nacional. Salientamos três aspectos à título de apresentação: o procedimento do caminho inverso, a dependência das características culturais ibéricas e o paralelo como forma de trabalhar suas questões. Importa observar, antes de apresentarmos brevemente esses traços, que a filosofia acadêmica geralmente se apresenta em forma universal, de modo que nela é raro o procedimento do caminho inverso. Esse procedimento é mais próprio da literatura e se aplica muito bem ao caso dos literatos filósofos. Mas isso não constitui marca apenas da realidade brasileira. Por exemplo, a obra *Os irmãos Karamazov*, de Dostoiévski, expressa intuições filosóficas e nela é possível aplicar o procedimento do caminho inverso. O caso do Brasil é particular porque, no Período Colonial, predominou a literatura filosófica sobre os trabalhos acadêmicos.*

(BENEVIDES, 2021)

O que podemos perceber até aqui é que o modo com o qual nos expressamos enquanto cultura emana para as diversas expressões humanas dentro do país criando uma identidade e um jeito de ser. Por conseguinte, colocar padrões, amarras e normas farão com que a produção seja mais diminuta mesmo, visto que, não é um modo que parece predominar sobre a produção nacional. Contudo, quando o autor cita “caminho inverso” é justamente essa quebra de padrões estabelecidos e a adoção de uma forma mais “livre” de produção onde pode ser expresso aquilo que se quer e se deve expressar, o que acaba por ser uma característica própria da literatura e, no caso não somente brasileira, mas, de outros escritores, além da literatura filosófica também.

Essa liberdade vinda das letras e adotada pela filosofia nacional existe visto o período colonial onde predominou a escrita literária e não a acadêmica, ou seja, a forma pela qual se davam os trabalhos, os ensaios e os principais textos nacionais eram pela literatura e não porque ela era mais fácil ou cômoda, mas, pela formação. A formação acadêmica brasileira vinda dos jesuítas era uma formação, apesar de intelectual, com muita influência da religião, o que influenciava por sua vez a escrita que se dava através dos sermões e discursos. Alguns ora religiosos, ora filosóficos como os de Padre Anchieta.

Sendo assim, quando o artigo propõe estudar Machado de Assis é justamente para ver onde ele pode se encaixar nesta busca pela forma que tem a filosofia no Brasil e, principalmente, a verificação de que se marcá-lo desta maneira é de fato possível, mas, se não, que ao menos sua escrita seja, embora as expectativas sejam que o título filosófico vá para ambos, ainda que o autor não tenha querido. Sigamos com o que ele diz no trecho seguinte:

No bojo da discussão sobre a relação entre filosofia e literatura, encontra-

mos várias pedras de toque, que vão desde a utilização de elementos até a veiculação de formas literárias como expressão filosófica legítima. A figura do literato-filósofo insere-se no contexto dessa relação e permite uma compreensão dos aspectos que formam a identidade da filosofia brasileira. A partir da matriz filosófica barroca do Período Colonial, aparece nos seus contornos mais próprios o pensamento filosófico brasileiro. Podemos então elencar-lhe as seguintes características. Em primeiro lugar, não é cópia ruim da filosofia europeia, de modo que a filosofia brasileira não faz simplesmente repetição de qualidade inferior daquela desenvolvida na Europa. Isso se confirma pelo segundo elemento que podemos apontar: compreender a filosofia brasileira depende da consideração sobre as características culturais dos povos ibéricos.

(BENEVIDES, 2021)

Para melhor esclarecer: quando ele cita esta influência ibérica, ele se refere a duas formas de modernidade; uma setentrional que é a inglesa, francesa, italiana, alemã; e a ibérica que é a espanhola e portuguesa, de modo que, o elemento diferencial é a ocupação moura por 800 anos (MARGUTTI, 2010, p. 104). Margutti defende que essa ocupação desenvolveu nos povos ibéricos de maneira geral, mas, ainda mais nos lusitanos, certos mecanismos de conciliação cujo objetivo era preservar, não sem fazer concessões, a identidade cultural. Ou seja, com tantos eventos históricos e diferentes, a influência cultural era quase que inevitável, mas, para agregar a isso sem perder suas características, os povos ibéricos passaram a combinar os diferentes traços culturais; os seus com os dos outros e isso acabou por ser uma herança nossa enquanto brasileiros colonizados: a capacidade, ou tentativa de sobrevivência, de agregar aquilo que vem de fora, mas, modificando-o à nossa maneira.

Portanto, compreender essas peculiaridades que cercam o processo filosófico brasileiro é compreender que a forma em que ele se dá é muito mais intuitiva e menos sistemática, mas, ainda sim tem muito a dizer sem perder seu valor filosófico, visto que, ele se constrói de toda essa carga hereditária, de todas as experiências e de todos os anseios do povo brasileiro da mesma forma que uma filosofia europeia responde à sua época e seu modo, com a diferença de que a brasileira, sendo em sua forma de expressão muito mais flexível e abrangente, compõe uma verdadeira originalidade ainda não notada e valorizada sendo talvez a resposta para a busca de Roberto Gomes quando escreveu *Crítica da Razão Tupiniquim*. Essa liberdade de escrita e características próprias para muitos pesquisadores da área cunharam a figura do literato-filósofo no qual se destacaria Machado de Assis.

2.2 INTERPRETAÇÕES FILOSÓFICAS ACERCA DAS OBRAS MACHADIANAS: A INTERPRETAÇÃO COMPARATISTA

Enquanto intelectual e leitor de filosofia, Machado de Assis acaba por fazer em sua escrita, de forma geral, diversas referências a conceitos filosóficos ou menções diretas a filósofos, de modo que, o faz em algumas ocasiões de maneira sutil enquanto em outras de maneira mais direta, de forma a acabar direcionando seus leitores e intérpretes à tendência de classificá-lo ou interpretá-lo como, além de um escritor literário, como um escritor de obras que possuem "conteúdo filosófico". Sendo assim, quando investigado quais seriam tais correntes, acabamos por encontrar não somente elas, mas, as diferentes formas de vê-lo enquanto autor, ou seja, de outro modo; como podemos ler Machado de Assis além de só apontar este ou aquele filósofo? Como podemos interpretá-lo como intelectual de sua época? Para responder essas perguntas, entre outras interpretações, discorreremos acerca de três: A interpretação Comparatista, a Interpretação histórico-sociológica e Interpretação Pirrônica.

Em primeiro lugar, temos a interpretação comparatista que tende a ler a literatura através da filosofia de modo que, possuí como principal característica identificar no texto a ser estudado as diferentes manifestações filosóficas que, quando trazidas para literatura machadiana especificamente, enumera em um primeiro momento, dois filósofos: Pascal e Schopenhauer devido a tendência pessimista presente em algumas obras. Logo, podemos perceber que a interpretação comparatista parece ser uma busca por filósofos na obra desconsiderando o conteúdo e o autor. No conto Teoria do Medalhão que estudaremos mais adiante este mesmo fenômeno ocorre tendo como filósofo chave Maquiavel.

Dentre os que fizeram esta busca, temos Afrânio Coutinho, professor, crítico literário e ensaísta brasileiro, que defende que o que influenciaria o escritor e esta tendência pessimista presente em suas obras do período 1870-80 seriam os diversos fatores psicológicos e sociais de sua época como, por exemplo, a debilidade física e social, a preocupação com a ascensão social e também as doutrinas presentes que moldavam a visão de mundo que Machado tinha, de modo que, ele podia e pode ainda ser comparado a Pascal, contudo, "sem o amparo da graça cristã", como diz Alex Lara, pois, é visto em sua obra o quanto Machado acentua o que há de mais trágico na condição humana que é a finitude e a efemeridade da vida. E não somente isso, e como se já não bastasse, mas, também a maldade propriamente e deliberadamente humana, a hipocrisia, a corrupção e a podridão do homem restando-lhe apenas o desespero aproximando-o agora com o pessimismo e a solidão schopenhaueriano, conforme é explica por Lara no trecho que afirma que:

Segundo esta interpretação, a filosofia de Quincas Borba é uma transposição da doutrina de Schopenhauer. Humanitas é a vontade universal de viver, a coisa em si, perante a qual os indivíduos são apenas efemeridades ou instrumentos de conservação da espécie. Machado busca aqui

a consolação de suas próprias amarguras. Trata-se da arte de anular a vontade irracional, fragmentada em indivíduos, fonte de egoísmo e do sofrimento. A vontade de viver abdica, suprime-se.

(LARA, 2017)

Logo, o resultado desta visão pessimista da vida é a desesperança, visto que, a vontade de viver não condiz com a contingência da vida. Desejar existir não significa nada quando a vida pode se esvair a qualquer momento, sendo assim, o homem quando busca justificativa e conservação em si mesmo, já que em Machado de Assis não há uma divindade que o ampare, vê a humanidade tal como ela é, ou, apenas um lado dela para aqueles que ainda são esperançosos, e com isso acaba por afundar-se.

Além do espectro de Schopenhauer, sonda também não somente a obra, mas, o próprio autor, a tese pascaliana que diz que o homem é um ser corrompido e decaído, além de, escravo de suas paixões e das concupiscências. Assim, longe do conforto da existência divina –como dito antes- resta a Machado a desconfiança, o ódio e o pessimismo em relação a existência como dito no trecho seguinte:

(...)O mal predomina sobre tudo. Somente a dor é verdadeiramente real. A este pessimismo associa-se certa dose de ceticismo (principalmente em relação à ordem sobrenatural). A miséria humana é exemplificada no “delírio” de Cubas. A Natureza, ou Pandora, mãe e inimiga, extrai-lhe a vida sem misericórdia. Temas como o divertimento, a impotência da razão frente a questões metafísicas, a corrupção da bela razão, a mácula das virtudes, a volubilidade de um espírito incapaz de se fixar, são estilizados neste capítulo de modo a não deixar dúvidas quanto à influência do jansenista. E’ o conteúdo do pensamento de Pascal que a forma da ficção machadiana parece abraçar.

(LARA, 2017)

Apesar desta comparação feita por Afrânio Coutinho entre Machado e Pascal, Sérgio Buarque de Holanda acha que ela é infundada pois, para ele, o próprio argumento se desmancha quando colocado entre ambos o abismo da fé, ou seja, apesar de cético e pessimista, Pascal ainda tinha fé e confiava em Deus, sendo um dos esperançosos mencionados, o que Machado por sua vez, já não tinha e não acreditava, logo, tentar compará-los para Holanda é cometer um erro. Por outro lado, o que ele considera como importante e presente nas obras machadianas é o ceticismo disfarçado de ironia que se traduzia pelo descontentamento que o autor sentia diante de sua própria descrença. Sendo assim, aqui podemos fazer uma espécie de troca do conceito de “ironia machadiana” para “ceticismo machadiano” de forma que, possa ser passado para uma linguagem mais “filosófica” da análise, sendo uma filosofia artificial de fundo niilista, “filosofia para não se viver no mundo, para se sair do mundo, filosofia para mortos, ou para o mundo dos mortos, para cemitérios” (COUTINHO, 1990, p. 188).

Para Alex Lara, uma forma de estudar melhor as influências filosóficas presente na

escrita é compreender como o discurso filosófico se transforma em forma literária, assim, o ideal não é como a tese de uma obra é transferida para outra, mas, da repetição marcada pelo distanciamento crítico, ou seja, não é Machado falando sobre este ou aquele autor, mas, é Machado falando sobre a vida, sobre a sociedade, disso ou daquilo a seu modo, com uma visão ora compartilhada conveniente por outros também, ora não. Quando analisamos o conto Teoria do Medalhão, podemos ver de maneira escancarada Machado falando de outro filósofo, mas, vejamos em especial este trecho:

(...) - Somente não debes empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos cépticos e desabusados. Não. Usa antes a chalaça, a nossa boa chalaça amiga, gorducha, redonda, franca, sem biocos, nem véus, que se mete pela cara dos outros, estala como uma palmada, faz pular o sangue nas veias, e arrebentar de riso os suspensórios. Usa a chalaça. Que é isto? - Meia-noite. - Meia-noite? Entras nos teus vinte e dois anos, meu peralta; estás definitivamente maior. Vamos dormir, que é tarde. Rumina bem o que te disse, meu filho. Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o Príncipe de Machiavelli. Vamos dormir.

(ASSIS, 1994)

Aqui, tal como a teoria comparatista afirma, há no conto de forma já direta a comparação com a obra O Príncipe, de Maquiavel, de modo que, mais a diante iremos ver de forma mais profunda como esses aspectos se relacionam dentro do texto, mas, de antemão, já podemos ver que para além de simples menção, Machado trouxe para seu texto não somente um filósofo, mas, seu conceito dentro de uma realidade bem específica; a política e não somente brasileira, mas, geral.

2.3 A INTERPRETAÇÃO HISTÓRICO-SOCIOLÓGICA

Para melhor entendermos como se desdobraria esta forma de interpretação, comecemos pela fala de Alex Lara que diz:

A interpretação histórico-sociológica é duplamente importante para o nosso debate. Primeiramente, ela desmente a pretensão de se atribuir uma filosofia genuína aos narradores e, no limite, a Machado de Assis, já que a própria ideia de filosofia se reduz a “desconversa ideológica” ou “metafísica insossa” (num dos sentidos aventados por Reale). Em segundo lugar, ela parece ter provocado uma retração das interpretações filosóficas da obra machadiana; retração cujo refluxo vivenciamos atualmente com as contribuições mais recentes de Maia Neto, Ronaldo de Melo e Souza,

Patrick Pessoa, Gustavo Bernardo, Paulo Margutti e outros.
(LARA, 2017)

De início, parece que esta interpretação liderada por Roberto Schwarz (1991) acaba por desconsiderar a atribuição filosófica dada ao texto e até mesmo ao autor e opta, por outro lado, a buscar a ler o conteúdo literário como um retrato da sociedade da época, ou seja, a literatura filosófica passa a ter como função escancarar a realidade na qual a sociedade está presa. Para tanto, este tipo de consideração parte da ideia de que compreender a obra machadiana é primeiro compreender as estruturas sociais brasileiras do século XIX na qual ela buscava refletir, conferindo-lhe uma inteligibilidade comparável aos estudos historiográficos (Faoro), e expondo a desfaçatez de classe de uma elite que vivencia certa contradição de base (Schwarz).

A exposição social suposta por esta interpretação parte das obras de cunho realista do autor, em especial, das Memórias Póstumas onde a dicotomia se faz presente entre o mais afortunado e o menos; o avanço científico e a perpetuação da pobreza, os valores sociais mantidos pela religião juntamente aos costumes nele embasados em contradição com a realidade das ações humanas etc. Sendo assim, ler Machado de Assis com o viés histórico-social é enxergar no autor alguém que deseja expor aquilo que via a sua frente sem amarras, vergonha ou hipocrisia, de modo que, estranhamente, para esta interpretação, não há “filosofia”, se por este termo entendemos um sistema original de ideias ou um discurso literal que busca por verdades objetivas, mas resta apenas mascaramento e desconversa ideológica (LARA, 2012. P. 55), sendo assim, é uma forma de leitura que busca extrair o que o autor pensa da realidade que o cerca que vai além do que os livros de história buscam mostrar que é apenas o corrido pelo ocorrido, sem visão crítica-reflexiva.

Assim,

Num combinado de crítica literária e análise política, Faoro realiza o levantamento exaustivo da relação entre as situações dos personagens e a vida política e econômica do Segundo Reinado. As figuras geométricas (pirâmide e trapézio), superpostas ou combinadas, constituem o quadro sincrônico da tese (estamentos superpostos a classes, burocracias controlando agentes econômicos, etc.). O quadro diacrônico acompanha o curso do tempo (o processo histórico, a lenta emergência de fatores modernizadores, produção e ideologia, etc.). Assim, o primeiro eixo, a pirâmide, tem, em sua base, o trabalhador braçal; de entremeio estão os comerciantes; no vértice mandam os proprietários. Os móveis desta cadeia são o lucro, o consumo e a acumulação. O segundo eixo, o trapézio, representa a estrutura horizontal dos estamentos, a economia exportadora, a hierarquia de cargos e influências, a corporação de poder, etc. A tarefa do historiador é encontrar, para cada nicho social, a personagem típica que ilustra essa estrutura geométrica da vida pública brasileira.

(LARA, 2017)

Um exemplo de artigo que parece ser guiado por esta interpretação é o intitulado *Pobre, negro, gago, epilético*: Machado de Assis teve quase tudo contra si escrito para revista *Brasil de Fato* por Claudio Soares, jornalista e escritor, onde o autor parece dar crédito ao contexto social vivenciado por Machado como o grande responsável pelo sucesso que o escritor conquistou tanto em vida quanto em morte. Logo, se antes a interpretação buscava olhar o autor como alguém que apenas retratava a sociedade tal como ela era, aqui ela parece ser o molde que faz dele quem ele é. De todo modo, esta leitura ainda opta por tirar a filosofia da obra e colocar em seu lugar como principal fonte argumentativa e principal guia o contexto histórico social.

Em dado momento Soares afirma que:

Nascido, há 181 anos, na cidade do Rio de Janeiro, de onde pouco se afastou por toda a vida, ali cresceu em condições precárias, como tantos e tantos brasileiros. Pobre, sem recursos, sem família, Machado de Assis foi um “self-made man”, formou-se por sua própria educação, com a mais vasta leitura, tudo pelo esforço próprio. Sua experiência de vida, certamente, o moldou.

(SOARES, 2020)

Aqui, podemos colocar um adendo um tanto quanto interessante: anteriormente afirmamos que Machado de Assis era um homem extremamente cético e pessimista com a vida, de forma que, poderíamos até compará-lo desde a Pascal a até Schopenhauer, contudo, quando adotamos a perspectiva histórico filosófica, parece-nos que seja possível afirmar que toda essa dor, essa descrença com a humanidade seria na verdade retrato da dor que o próprio Machado sentia. Assim, a leitura histórico social vai para além de ler a sociedade, mas, é ler também como a sociedade molda o indivíduo.

O que se apresenta aqui, para além de uma sociedade cruel, racista, desigual e hipócrita vivida por Machado de Assis, é na verdade uma sociedade que, além de perpetuar estes quadros em suas principais instituições, revertia isso não apenas de forma com que Machado pudesse ver, mas, de forma que ele pudesse sentir também e não somente ele, mas, todos os seus iguais, sejam eles em cor sejam eles em origem, logo, a sociedade ainda era tudo isso e muito mais com ele e tantos, apesar de seu prestígio, além de continuar a moldá-lo cotidianamente. Deste modo, como a sociedade pode construir seus habitantes? Ou, de maneira mais real, como ela pode taxá-los/rotulá-los de forma com que eles ajam daquela ou outra maneira?

Aqui cabe um adendo a respeito da muito conhecida a crítica feita a Machado de Assis a respeito do pouco que ele fala sobre a escravidão e sobre os negros, quando ele mesmo era negro e neto de escravos alforriados. Uma possível explicação para isso me parece de extrema absurdez, embora tristemente pareça real, pois, ela se dá através de Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, político, diplomata, historiador, jurista, orador

e jornalista brasileiro formado pela Faculdade de Direito do Recife; um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e, principalmente, amigo de Machado, que o via como outros certamente o viam, como um homem branco, tanto que, a título de curiosidade, a respeito da morte de Machado foi feito um discurso onde uma das palavras escolhidas para descrevê-lo era “mulato”, coisa que enfureceu Joaquim Aurélio e o fez apelar para que fosse tirado. De modo que, quando o artigo de Claudio Soares exposto na revista afirmou que Machado de Assis matou seu passado –seu triste passado- foi justamente para deixar no esquecimento esses diversos moldes que o colocaram, moldes que diziam que ele devia se parecer com isso ou aquilo, e quando, ele exercia uma atividade de cunho acadêmico era tratado de uma forma esdrúxula que era a de “homem branco”. Ora, tais aspectos parecem não ter mudado ainda passados dois séculos.

Pouco ou nada Machado falou de Maria Leopoldina, sua mãe, nem de Francisco de Assis, seu pai, ou de sua irmã (morta precocemente, aos 4 anos de idade). Afastou-se por completo de Maria Inês da Silva, sua madrastra, que após a morte de Francisco, terminou de criá-lo. Machado se aristocratizou como um intelectual do seu tempo, um homem amargo, desencantado, fatigado, enjoado do seu século (SOARES, 2020).

Deste modo, ler Machado de Assis com uma interpretação histórico-sociológico me parece um tanto quanto válida, visto todos estes desdobramentos que pudemos perceber ao longo de nossa reflexão, desdobramentos tais que poderiam nos levar para muito além, mas, ainda sim teimo que parece-me um pouco estranho visto que, ainda sim ela acaba tirando toda a carga intelectual que o autor trazia consigo e deixando-lhe apenas a carga empírica social. Não que ele não a tivesse, evidentemente, mas, parece-me que sua escrita se faz tão genial não somente pela observação da sociedade, mas, pelo saber observá-la.

Logo, não podemos apenas olhar Machado como um historiador, mas, como um filósofo político, talvez? Que em sua literatura acaba por expor, consciente ou inconsciente, desde a sociedade do século XIX até a sociedade do século XXI.

2.4 A INTERPRETAÇÃO PIRRÔNICA

A título de esclarecimento, pirrônica é uma das classificações dadas a Machado derivada da corrente filosófica proveniente de Pirro de Élis (c.360-c.270 a.C.) tratando-se de um ceticismo antigo que defende a suspensão do juízo em relação a todas as crenças, visto que, a verdade é inalcançável. É provável que Augusto Meyer tenha sido o primeiro a atribuir positivamente o pirronismo de cunho niilista ao nosso autor visto sua forma pessimista de ver a vida e a sociedade já tão conhecida por nós.

Para Machado de Assis a realidade não parecia ter nenhuma magia que não fosse jogos de aparências: aparência de bem-estar, aparência de felicidade, aparência de boa vizinhança, no entanto, em suas entranhas, ela era nada mais que um amontoado de podridão e sofrimento: sofrimento pela finitude da vida; sofrimento pela estrutura social

que raramente permite mudanças, sofrimento pela efemeridade da existência, visto que, tendemos a certo sofrimento quando pensamos qual lugar exatamente o homem ocupa no mundo. Como visto antes, Machado não tinha o conforto da religião que Pascal tinha, logo, como poderia justificar a existência humana no mundo, já que, quando refletido acerca disso, tudo parece ter um lugar? a fauna e a flora têm lugar, mas, qual seria o do homem? Sem a explicação divina ou metafísica, ele parece não ter um lugar ou uma função para ocupar que não seja apenas o fardo da existência e a busca incansável por algo ou alguém que lhe dê ao menos um sopro de esperança.

Toda essa carga cética acompanha Machado em diversos momentos de sua vida e consequentemente em sua obra fazendo com que todo esse nada em que o homem está mergulhado se transforme em disputas sociais; por isso os jogos políticos, sociais e familiares; eles são apenas tentativas de colocar o homem, para ele mesmo, em um posto de real importância. Para Maia Neto, Machado está localizado na constituição de uma dimensão reflexiva que é a solução para a problemática dos protagonistas lidando não com problemas ideológicos, mas, com problemas epistemológicos.

Alex Lara irá dizer que:

O livro de Maia Neto se estrutura a partir de duas teses complementares. A primeira retém as categorias básicas da literatura machadiana. Os romances da primeira fase se estruturam a partir do triângulo amoroso entre homem de espírito, mulher e tolo, tal como expresso numa tradução feita por Machado, cujo título é Queda que as mulheres têm para os tolos. O primeiro possui valores éticos rígidos e é indiferente ou hostil à vida exterior, representada no mais das vezes pela mulher. O tolo é imoral, bem-ajustado a esta vida e capaz de agir estrategicamente, manipulando as aparências sociais. O homem de espírito vive um impasse, já que seus ideais éticos não se ajustam à vida (social). Da perspectiva “quase reflexiva” mas problemática, Maia Neto diferencia a ingênua ou “não reflexiva”, adotada pelos homens de espírito antes da crise cética. Os tolos (ou medalhões, na segunda fase) e a maioria das personagens femininas adotam a perspectiva estratégica, cuja racionalidade instrumental lhes permite ascender afetiva, social e economicamente. A autoria, associada à perspectiva cética, passa a ser uma alternativa à situação problemática dos homens de espírito. Este foco narrativo produz uma relação estreita entre literatura (forma) e reflexão cética (conteúdo), de modo tal que evita a “instrumentalização da literatura pela filosofia”, vinculando “o ceticismo na obra à perspectiva dos homens de espírito desiludidos (que perderam a ingenuidade dogmática) e assumiram a condição de observadores céticos” (MAIA NETO, 2007, p. 215). Por isso Maia Neto desconsidera o Quincas Borba, cujas interpretações céticas devem ser atribuídas ao próprio

Machado. Vale lembrar que o próprio Machado reconhece a autonomia do narrador no prólogo da terceira edição das Memórias póstumas.
(LARA, 2017)

No conto A teoria do Medalhão, para além do significado atribuído a esse conceito, aqui parece também trazer para esta visão pirrônica quando o conceito de medalhão, antes “figurão” e “famoso”, tem agora um novo significado: aquele que é tolo; e o é assim porque, assim como afirmamos antes, diante da efemeridade da vida o homem tenta valer-se a si mesmo através de visibilidade, títulos, conquistas e para isso passa a manipular a realidade a seu favor, contudo, sem perceber que a primeira manipulação feita é de sentidos: de tolo para medalhão. De outro modo, ele não é um figurão, mas, é um tolo, um imoral, como afirma Maia Neto.

Quanto a leitura pirrônica feita sobre as obras de Machado, Alex Lara afirma no seguinte trecho que:

Temas como a vaidade e a miséria humana, presentes em autores do Período Barroco, ressurgem em Machado sob o viés estético-cognitivo. Esta mudança de perspectiva, como os trabalhos de Margutti salientam, é importante para situarmos Machado de Assis em seu contexto espiritual. Permite-nos pensar como o contraste com a realidade fez surgir uma ressonância, tanto nas ideias filosóficas do Brasil, e do romance ainda incipiente, quanto na própria história das ideias. Schwarz nos ajuda a compreender parte desse processo, mas não admite uma guinada reflexiva mais ampla que a ideológica. Maia Neto organiza a visão filosófica de Machado sem lhe atribuir uma feição nacional. Além disso, adota uma perspectiva prévia, a pirrônica, apenas parcialmente consistente com a visão de mundo machadiana. A pergunta levantada não é “como o cético pode viver o seu ceticismo”, pois o autor empírico já está fora de cena, mas “como ele pode reproduzi-lo”.
(LARA, 2017)

No entanto, quanto a um outro ponto de vista, para Paulo Margutti, classificar Machado de Assis como pirrônico não seria o mais correto, pois, embora não haja dúvidas quanto a posição de nosso autor com um “cético de carteirinha”, desgostoso com a vida, para Margutti sobressai a tese de que há controvérsias quanto a origem desse ceticismo que talvez não o levariam para um pirronismo, mas, para um ceticismo pessimista. No artigo Machado, o brasileiro pirrônico? um debate com Maia Neto ele traz uma interpretação muito interessante de como este ceticismo e não um pirronismo de fato marcaria Machado até nos menores detalhes de suas obras, como por exemplo nas Memórias Póstumas quando o narrador Brás Cubas afirma que “escreve usando a pena”; aqui ele se referiria não exatamente ao instrumento usado, mas, ao sofrimento humano que dá conteúdo para sua escrita.

O interessante desta forma de interpretação é que, diferente das outras que tinham como inspiração literária-filosófica ora os filósofos ora a sociedade, é que aqui a inspiração é o sofrimento. Logo, é o pessimismo em relação à vida humana que leva Machado a adotar uma posição cética (Paulo Margutti, 2007). Margutti também atribui à escrita Machadiana uma guerra contra o Humanitismo que, para ele, era uma forma de tornar otimista projetos que tentam explicar a existência humana e, do mesmo modo, acaba por transformar-se em uma guerra contra os metafísicos também e sua ânsia de tentar explicar todas as coisas.

Margutti afirmará em seu artigo que:

No final das contas, todos os romances da segunda fase admitem diferentes leituras em diferentes níveis – e por vezes tais leituras são mutuamente excludentes. Isso é bastante perceptível na segunda fase da sua ficção. Aqui, os narradores são sempre contingentes, historicamente localizados e, acima de tudo, pouco confiáveis. Mesmo assim – e esse talvez seja o ponto crucial para entender Machado – cada um desses níveis de leitura é consistente com a visão pessimista-cética da vida humana. É como se Machado quisesse mostrar que nossa condição miserável é a mesma e possui uma bela forma sob qualquer leitura possível. Convém lembrar aqui a metáfora da ópera em Dom Casmurro: composta em parceria de Deus com o Diabo, ela traz em seu interior uma contradição insuperável que a torna miserável. Mesmo assim, possui um valor estético enquanto obra de arte. Para Machado, a contemplação estética da miséria humana é a única saída para o nosso sofrimento nesse mundo. Ele não é religioso e portanto não pode oferecer uma conexão com um Deus transcendente como um remédio para a nossa miséria. A única coisa que ele oferece ao leitor são os momentos fugitivos em que ele é capaz de abandonar a contingência deste mundo e entrar em contato com a beleza. Nesses momentos, consegue-se atingir um domínio que está “fora” do tempo, embora permaneça dentro do tempo.

(MARGUTTI, 2007)

Essa leitura parece ainda incumbir aos sentidos a última tentativa de suportar a existência humana através da estética o que iria contra a doutrina pirrônica que defende para isso a suspensão dos sentidos.

Embora haja uma tentativa de nesta altura aproximar ainda mais Machado de Schopenhauer visto esta suposição da saída do sofrimento pela arte, ainda é difícil dizer o que exatamente ele adotou ou não deste filósofo pois, embora o tenha lido e eles se assemelhem em alguns momentos, eles também se divergem em diversos aspectos. Margutti ainda argumentará que, apesar disso, ainda podemos notar que há muitas semelhanças e talvez possíveis heranças do pensamento schopenhaueriano no pensamento de Machado

como a visão trágica da existência, o pessimismo em relação a vida, a tentativa de viver desapegadamente neste mundo, uma reavaliação da loucura em suas afinidades com a genialidade e a busca de uma redenção provisória na contemplação estética que se acha fora do tempo.

Neste ponto, o que me parece de mais incômodo neste tipo de interpretação é que ela parece assemelhar-se muito, e talvez até demais, a interpretação comparatista, pois, a todo momento, embora tenhamos achado no autor uma carga própria de ceticismo ou até pirronismo, o que mais fizemos foi citar diferentes autores para mostrar o quão cético, pirrônico ou seja o que for Machado é. O próprio Paulo Margutti cita um trecho de nosso conto chave para falar a respeito de como algumas formas de expressões usadas por Machado servem para expor as falhas humanas, mas, novamente relacionando-o com outros pensadores como, por exemplo, este que segue:

Em terceiro lugar, o pessimismo cético de Machado encontra um tom inteiramente adequado através do apelo a uma forma de ironismo, que se revela um aspecto crucial dessa visão de vida. Na ficção de Machado, o ironismo surge como uma postura ético-filosófica com relação à vida, que auxilia a revelar as falhas na conduta humana. A caracterização da ironia, feita pelo próprio Machado em Teoria do Medalhão, é bastante ilustrativa do que ele entende a respeito: “[...] esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos cétricos e desabusados”. O ironismo machadiano parte do pressuposto de que não há nada de novo debaixo do sol e se articula com a criação literária, num espírito recomendado por Rorty, quando ele afirma que os textos literários são mais adequados do que os filosóficos para expressar nossas visões de mundo. Pelo menos no caso de Machado, o pessimismo cético e sua expressão polissêmica são melhor alcançados quando se assume um tom irônico, no qual todas as tentativas humanas de transcender as nossas limitações mundanas são descritas como ridículas e fracassadas. Nessa perspectiva, parece que a influência de Erasmo no pensamento de Machado é maior do que se tem admitido até agora.

(MARGUTTI, 2007)

Além do mais, esta interpretação parece ainda um pouco ingênua visto que, como definimos anteriormente, o processo pirrônico passa pela suspensão do juízo, aspecto que não parece marcar Machado e seus personagens, visto que, o sofrimento é extremante real e não é abandonado em nenhum momento, contudo, não podemos desconsiderar que de fato pensar a respeito do sofrimento quanto a à existência humana são principais marcas da escrita machadiana nos oferecendo uma base interessante e essencial para adentrarmos à última parte de nossa reflexão: a análise do conto Teoria do Medalhão.

3 TEORIA DO MEDALHÃO: UMA ANÁLISE DAS TENDÊNCIAS FILOSÓFICAS DO CONTO

Não te falei ainda dos benefícios da publicidade. A publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu deves requestar à força de pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, coisas miúdas, que antes exprimem a constância do afeto do que o atrevimento e a ambição. Que D. Quixote solicite os favores dela mediante, ações heróicas ou custosas, é um sestro próprio desse ilustre lunático. O verdadeiro medalhão tem outra política. Longe de inventar um Tratado científico da criação dos carneiros, compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos. Uma notícia traz outra; cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo.
(ASSIS, 1994, p.5)

3.1 TEORIA DO MEDALHÃO: UMA ANÁLISE DO CONTO

O conto que agora estudaremos se chama Teoria do Medalhão e foi escrito originalmente por Machado de Assis para um jornal chamado Gazeta de Notícias no ano de 1881, no entanto, posteriormente também passou a integrar o livro intitulado Papéis Avulsos. A obra é construída no formato de diálogo de modo que os personagens, o pai e seu filho Janjão que acabara de atingir a maioridade, conversam sobre a vida adulta e, principalmente, sobre qual seria o segredo para atingir o sucesso tão almejado por todos; concluindo que, este segredo é o de exercer a carreira de medalhão. Sendo assim, para além de um diálogo, a obra toma notas de monólogo também, visto que, grande parte do conto é discorrido pelo pai que explica ao filho o “passo a passo para a vitória” e isso pode ser visto no trecho inicial em que diz

- *Creia que lhe agradeço; mas que ofício, não me dirá?*
 - *Nenhum me parece mais útil e cabido que o de medalhão. Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti. Ouve-me bem, meu querido filho, ouve-me e entende. És moço, tens naturalmente o ardor, a exuberância, os improvisos da idade; não os rejeites, mas modera-os de modo que aos quarenta e cinco anos possas entrar francamente no regime do aprumo e do compasso. O sábio que disse: "a gravidade é um mistério do corpo", definiu a compostura do medalhão. Não confundas essa gravidade com aquela outra que, embora resida no aspecto, é um puro reflexo ou emanção do espírito; essa é do corpo, tão-somente do corpo, um sinal da natureza ou um jeito da vida.*
 (ASSIS, 1994, p.5)

Seguindo de diversos conselhos dados pelo pai acerca do sucesso na vida adulta, o conto se desenvolve até o fim concluindo que, dadas as devidas proporções, é um diálogo digno de Maquiavel. A pergunta que fica é; O que isso quer dizer?

Para que seja possível responder, comecemos agora por esclarecer melhor alguns conceitos que o início do texto vem nos apresentar. Sendo assim, falemos primeiro sobre o medalhão. Medalhão não se refere exatamente a um ofício empregatício, não é um posto que pode ser exercido ou ensinado. Na verdade, o termo medalhão é um adjetivo figurativo que significa “pessoa importante; figurão: medalhão da política brasileira”. Ou, até mesmo, quem recebe destaque sem o merecer ou sem possuir qualificações necessárias para o possuir”.³

O que mais me parece intrigante quanto ao conceito de medalhão é a pressuposição deste “posto”, pois, para “exercê-lo” não é necessário conhecer, mas, **parecer** conhecer,

³ Dicionário online de Português.

logo, trata-se de nada mais que uma pessoa que recebe diversas pompas e **reconhecimento** sem as merecer, seja desde o campo social até o campo da política. O medalhão é aquele que recebe notoriedade seja onde for, de modo que, o que temos neste conto como críticas principais é primeiro sobre uma sociedade em que se valoriza apenas as aparências - e por isso a importância da publicidade destacada no trecho exposto acima- e segundo que o conto expõe não somente a armação que muitas vezes a política usa, mas, também, subjetivamente, faz uso do conceito “pão e circo” que cabe muito bem ao medalhão, uma vez que, trata-se da forma de anestesiá-la a população diante das atrocidades que acontecem não somente todos os dias, mas, a todo momento; seja a de incerteza, falta de segurança, desvalorização do trabalhador, etc. Com esta política, tudo pode ser mascarado com os artifícios corretos, sejam eles os das ideologias, sejam das crenças ou do aceite social com o qual o medalhão conta passando a responsabilidade também para sociedade daquilo que ela aceita como ideal.

Anteriormente no texto vimos que para além do conto, o conceito de medalhão está presente na filosofia machadiana para se referir a uma das posturas humanas, teoria investigada por Maia Neto na obra escrita originalmente em inglês com o título de Machado de Assis, *the Brazilian Pyrrhonian* em 1994 e traduzida posteriormente para o português com o nome de *O ceticismo* na obra de Machado de Assis.

Nela, ao defender Machado de Assis como um possível cético, Maia Neto coloca como um fio condutor de interpretação um observador cético que vai sendo construído ao longo das obras da segunda fase do autor (DANIEL BENEVIDES, 2021, P. 349) de modo que, ele acaba por elaborar diferentes categorias de ações que poderiam traduzir condutas sociais. Entre elas encontram-se o conceito de **vida exterior**, que se refere a vida social humana onde se caracteriza por ser um lugar de opiniões precárias e contraditórias, além de, ser constituída de dualidade e hipocrisia e o de **paz doméstica** que se refere, ao contrário da vida exterior, ao lugar de transparência e verdade sendo representada pela figura do **casamento** que é algo sólido, diferente do outro que é incerto e instável.

Ao longo das obras Machadianas, Maia Neto afirma que observa que a vida exterior se sobrepõe muito à paz doméstica acarretando diversos conflitos, de modo que, surge uma terceira categoria chamada de **homem de espírito** que se refere a um personagem ainda ético e **divorciado** da vida exterior, mas, que na verdade se trata de um ingênuo que contrapondo à perspectiva reflexiva, confia totalmente na verdade existente na paz doméstica (aqui lembremos que por Machado ser um cético, ele acaba classificando como ingênuo todo aquele que crê firmemente em alguma ideia de verdade), além disso é oposto a figura do **tolo**, que consiste na figura de um personagem que represente a superficialidade da aparência social e das incertezas que cercam o homem. Este tolo passa a ser melhor designado como “medalhão” em referência ao conto Teoria do medalhão (MAIA NETO, 2007a, p. 45). Logo, o que podemos concluir aqui é que para além de um personagem de conto, o posto de medalhão recomendado a Janjão pelo pai, na verdade deriva de uma

forma muito mais profunda de interpretação social, pois, acaba por traduzir uma das condutas humanas observadas filosoficamente por Machado de Assis.

Aqui, para além da figura do tolo encontrada no texto, temos também a comparação feita pelo escritor com o autor do Príncipe, Maquiavel. Deste modo, para melhor destrincharmos esta parte, partamos primeiro da obra filosófica para depois compreender quais as “proporções” em que ambas poderiam se assemelhar ou não.

Escrita em 1513, a obra O Príncipe foi inicialmente dedicada a Lorenzo de Médici, mas, depois também ao sobrinho de Maquiavel que havia se tornado senhor de Florença. Ela foi escrita com a finalidade de poder contribuir com os governantes da Itália da época visto que o país ainda passava por certa instabilidade governamental e divisão, logo, ela possuía em seu conteúdo tanto ideias de como bem governar quanto formas de garantir que seu reinado pudesse se estender por muito tempo. Quanto ao seu conteúdo, lido; relido e estudado até hoje, foi formado primeiro pelos estudos intelectuais realizados por Maquiavel e segundo pela experiência que o próprio filósofo havia adquirido enquanto ocupava o cargo de secretário de Florença além dos outros inúmeros que ocupou sendo uma obra de cunho mais prático que teórico. O professor José Benedito de Almeida Júnior irá dizer em sua obra Como ler Maquiavel, a arte da política que:

A imensa maioria dos teóricos estudiosos de Maquiavel consideram que O Príncipe inaugura uma literatura –no Ocidente– que se caracteriza por demarcar a necessária autonomia da política em relação aos valores cristãos e éticos em geral. Para bem governar, é preciso conhecer bem a natureza dos homens e dos povos, saber como se comportam nas mais diferentes situações e tentar conduzir as coisas de tal modo a manter o poder.

(ALMEIDA JÚNIOR, 2021, p. 55)

Assim, O Príncipe de Maquiavel poderia se tratar não somente de uma obra política, mas, de uma obra humanista onde o ponto de partida não seria da observação das normas políticas, mas, do comportamento humano, pois, no fim, é ele que molda todas as ações e reações. No entanto, quando posto sobre o conto Teoria do Medalhão, quais semelhanças poderíamos encontrar?

Ora, se concluímos que a chave para um bom governo é observar os governados, a chave para um medalhão é observar a sociedade. Pois, pouco importa como o candidato a medalhão seja, o que importa é como ele pode ser mantido em um posto de destaque social. Por isso Machado afirma que é “às devidas proporções” que ambas se assemelham, pois, enquanto Maquiavel queria se provar útil ao governo que ainda estava se criando dando-lhes conselhos para bem governar e se manter, o pai de Janjão, descompromissado com a ética, apenas queria ver o filho ascender socialmente e para isso dava-lhe não apenas dicas, mas, artimanhas. Apesar disso, ambas as obras se assemelham por meio de um ponto chave: a observação social como essencial à política e a leitura dos conteúdos e feitos

daqueles que já vieram antes e venceram. Ou seja, é necessário não somente conhecer a sociedade, mas, sua história para saber o que alcançou êxito e o que fracassou.

Retomando o conto podemos observar no trecho a seguir que o pai afirma que sabe das limitações do filho quanto ao caráter intelectual, mas, sabendo agir, isso pouco importa

- Tu, meu filho, se me não engano, pareces dotado da perfeita inópia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício. Não me refiro tanto à fidelidade com que repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina, e vice-versa, porque esse fato, posto indique certa carência de idéias, ainda assim pode não passar de uma traição da memória. Não; refiro-me ao gesto correto e perfilado com que usas expender francamente as tuas simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas. Eis aí um sintoma eloqüente, eis aí uma esperança, No entanto, podendo acontecer que, com a idade, venhas a ser afligido de algumas idéias próprias, urge aparelhar fortemente o espírito. As idéias são de sua natureza espontâneas e súbitas; por mais que as sofremos, elas irrompem e precipitam-se. Daí a certeza com que o vulgo, cujo faro é extremamente delicado, distingue o medalhão completo do medalhão incompleto.

(ASSIS, 1994, p.3)

Chega a ser um tanto quanto cômica a observação que Machado de Assis faz a respeito do modo que se dá a conquista do prestígio social, mostrando que, além de cético com a vida e a existência, ele era desencantado com a própria sociedade. Ela soava para ele como aquela que mal sabia o que fazia ou para que existia, mas, apenas delegava normas e costumes além de lançar seus representantes.

Aqui, podemos retornar enfim àquelas formas de interpretá-lo, enquanto escritor e filósofo, já estudada por nós. Portanto, quanto a primeira, a interpretação comparatista, começamos já colocando nosso autor junto com Maquiavel como exímios observadores políticos e sociais, capazes de ler a sociedade em suas entrelinhas além de estrategistas que traçam maneiras para agir diante dela. Agora, quanto a histórico-social, como poderíamos interpretá-lo? Talvez pelo fato de como o social age sobre o indivíduo, talvez?

Em dado momento, Maquiavel afirma que um bom governante deve saber como agir em determinadas situações conferindo-lhe a famosa, e mal interpretada, frase “é melhor ser temido do que ser amado”. Esta frase se traduz pelo fato de que Maquiavel percebe que quando o governante confere muita liberdade ao seus colaboradores e passa a tê-los muito consigo, eles passam a crer que possuem mais privilégios que os demais, se aproveitando e até tentando deturpar o governo de modo que a “soberania” se tornaria instável e duvidosa diante de seus governados, logo, para evitar que isso viesse a acontecer, o príncipe deveria ter uma postura mais autoritária tomando muitas vezes decisões que embora difíceis, seriam para o bem de seu governo. De outro modo, o bom governante é aquele que faz

o que deve ser feito. Tal postura pode fazê-lo temido em vez de amado, contudo, nem sempre suas decisões agradariam todos, mas, é melhor que elas sejam respeitadas.

Para a leitura social de Machado de Assis os papéis se invertem, logo, para manter o posto de medalhão é preciso que o candidato seja amado, em vez de temido pois, como já vimos antes, para Machado não há uma preocupação ética e por isso a falta de reflexão e originalidade aqui são bem-vindos, pois, é o grande número de amigos e a velha política da boa vizinhança que são essenciais ao homem que deseja poder.

Se antes era necessário “bem governar” para se manter no posto, aqui isso pouco importa dando espaço para a importância da aparência, do “bem aparentar” levando nosso autor para a interpretação que o aproxima do ceticismo, pois, para que tanto esforço para estudar a política como Maquiavel fez se, no fim, as pessoas elegem aqueles que aparentam saber mais, aqueles que lhe dão tapinha nas costas e as chamam de amigos? Afinal, se há a possibilidade de governar juntos, já que o que sobressai também um jogo de interesses previsto por Maquiavel, logo, é melhor ser amado do que temido. Aqui, acabamos também por conferir um caráter de, além de observadores, de esperançoso para Maquiavel e Pessimista para Machado. Cabe a ressalva que a crítica não fica para aqueles que, enquanto vítimas sociais, sequer têm condições de eleger bem seus representantes, pois, enquanto a realidade continuar cruel e opressora, muitas vezes mal sobra tempo para reflexão, mas, ela fica para aqueles que se aproveitam disso. Sigamos.

- Mas se eu não tiver à mão um amigo apto e disposto a ir comigo?

- Não faz mal; tens o valente recurso de mesclar-te aos pasmatórios, em que toda a poeira da solidão se dissipa. As livrarias, ou por causa da atmosfera do lugar, ou por qualquer outra, razão que me escapa, não são propícias ao nosso fim; e, não obstante, há grande conveniência em entrar por elas, de quando em quando, não digo às ocultas, mas às escâncaras. Podes resolver a dificuldade de um modo simples: vai ali falar do boato do dia, da anedota da semana, de um contrabando, de uma calúnia, de um cometa, de qualquer coisa, quando não preferas interrogar diretamente os leitores habituais das belas crônicas de Mazade; 75 por cento desses estimáveis cavalheiros repetir-te-ão as mesmas opiniões, e uma tal monotonia é grandemente saudável. Com este regime, durante oito, dez, dezoito meses - suponhamos dois anos, - reduces o intelecto, por mais pródigo que seja, à sobriedade, à disciplina, ao equilíbrio comum. Não trato do vocabulário, porque ele está subentendido no uso das idéias; há de ser naturalmente simples, tívio, apoucado, sem notas vermelhas, sem cores de clarim...

(ASSIS, 1994, p.3)

Onde residem os tolos, se não nos pasmatórios? Aqui, para melhor entendermos, Machado cria um ambiente fictício onde seriam dissipadas falas que poderiam ser úteis

ferramentas de poder: o pasmatório, que nada mais é que lugar de gente pasma, boba, desocupada e fofqueira. Nas livrarias, local citado por ele, onde permaneceria a reflexão e a crítica, os medalhões não conseguiriam nada, mas, no lugar onde prevalecem as opiniões... Aqui, abramos um parêntese para nossa realidade: qual o poder que as fake news tiveram como condutoras da política? Não seriam elas resultado de um medalhão que usou de um pasmatório para conseguir poder? Sigamos mais um pouco.

- *Isto é o diabo! Não poder adornar o estilo, de quando em quando...*
 - *Podes; podes empregar umas quantas figuras expressivas, a hidra de Lerna, por exemplo, a cabeça de Medusa, o tonel das Danaides, as asas de Ícaro, e outras, que românticos, clássicos e realistas empregam sem desar, quando precisam delas. Sentenças latinas, ditos históricos, versos célebres, brocardos jurídicos, máximas, é de bom aviso trazê-los contigo para os discursos de sobremesa, de felicitação, ou de agradecimento. Caveant consules é um excelente fecho de artigo político; o mesmo direi do Si vis pacem para bellum. Alguns costumam renovar o sabor de uma citação intercalando-a numa frase nova, original e bela, mas não te aconselho esse artifício: seria desnaturar-lhe as graças vetustas. Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil. Não as relaciono agora, mas fá-lo-ei por escrito. De resto, o mesmo ofício te irá ensinando os elementos dessa arte difícil de pensar o pensado. Quanto à utilidade de um tal sistema, basta figurar uma hipótese. Faz-se uma lei, executa-se, não produz efeito, subsiste o mal. Eis aí uma questão que pode aguçar as curiosidades vadias, dar ensejo a um inquérito pedantesco, a uma coleta fastidiosa de documentos e observações, análise das causas prováveis, causas certas, causas possíveis, um estudo infinito das aptidões do sujeito reformado, da natureza do mal, da manipulação do remédio, das circunstâncias da aplicação; matéria, enfim, para todo um andaime de palavras, conceitos, e desvarios. Tu poupas aos teus semelhantes todo esse imenso aranzel, tu dizes simplesmente: Antes das leis, reformemos os costumes! - E esta frase sintética, transparente, límpida, tirada ao pecúlio comum, resolve mais depressa o problema, entra pelos espíritos como um jorro súbito de sol.*

(ASSIS, 1994, p.4)

Podemos ver aqui a importância que a retórica tem para o medalhão. A arte do falar bem não serve apenas para imponência e diálogos intelectuais, mas, se traduz ao saber o que falar e a hora em que falar. Como exemplo na nossa atualidade podemos ver

esse poder nos ditos coachs que usam de um discurso muitas vezes sem embasamento algum, e quando os usam é fora de contexto, arrastam multidões.

- *E parece-lhe que todo esse ofício é apenas um sobressalente para os déficits da vida?*

- *Decerto; não fica excluída nenhuma outra atividade.*

- *Nem política?*

- *Nem política. Toda a questão é não infringir as regras e obrigações capitais. Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma ideia especial a esses vocábulos, e reconhecer-lhe somente a utilidade do scibboleth bíblico. - Se for ao parlamento, posso ocupar a tribuna?*

- *Podes e deves; é um modo de convocar a atenção pública. Quanto à matéria dos discursos, tens à escolha: - ou os negócios miúdos, ou a metafísica política, mas prefere a metafísica. Os negócios miúdos, força é confessá-lo, não desdizem daquela chateza de bom-tom, própria de um medalhão acabado; mas, se puderes, adota a metafísica; - é mais fácil e mais atraente. Supõe que desejás saber por que motivo a 7ª companhia de infantaria foi transferida de Uruguaiana para Canguçu; serás ouvido tão-somente pelo ministro da guerra, que te explicará em dez minutos as razões desse ato. Não assim a metafísica. Um discurso de metafísica política apaixona naturalmente os partidos e o público, chama os apartes e as respostas. E depois não obriga a pensar e descobrir. Nesse ramo dos conhecimentos humanos tudo está achado, formulado, rotulado, encaixotado; é só prover os alforjes da memória. Em todo caso, não transcendas nunca os limites de uma invejável vulgaridade.*

(ASSIS, 1994, p.6)

Chegando quase ao fim do conto, vemos para onde o conselho do pai levou Janjão: para a política. Ela parece ser o fim último de toda nossa prosa. Afinal, o que mais nos mantém inquietos do que as instáveis situações políticas presentes em cada época? Os donos das artimanhas, dos conselhos, dos discursos enlouquecedores, das companhias, não seriam eles os medalhões que hoje chamamos de demagogos, políticos, influencers? Tantos são os nomes que poderíamos fazer uma lista imensa deles, mas, nos atentemos ao que o conto nos tenta dizer, pois, como visto antes, para além de uma obra de entretenimento, as obras machadianas carregam profundas reflexões acerca da atualidade ainda que sejam recheadas com o mais doce néctar da ironia acrescido de leves salpicadas de ceticismo. As obras desta segunda fase literária do autor, em especial esta que acabamos de ler, se tornam mais atuais do que nunca com um caráter que beira muito mais a filosofia que a própria literatura; seja na figura recente dos demagogos; seja no fenômeno das fake news, nada parece mais atual que a insistente crítica machadiana.

- Somente não deves empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos cépticos e desabusados. Não. Usa antes a chalaça, a nossa boa chalaça amiga, gorducha, redonda, franca, sem biocos, nem véus, que se mete pela cara dos outros, estala como uma palmada, faz pular o sangue nas veias, e arrebeitar de riso os suspensórios. Usa a chalaça. Que é isto? - Meia-noite.

- Meia-noite? Entras nos teus vinte e dois anos, meu peralta; estás definitivamente maior. Vamos dormir, que é tarde. Rumina bem o que te disse, meu filho. Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o Príncipe de Machiavelli. Vamos dormir.

(ASSIS, 1994, p.7)

3.2 VIRTÙ E FORTUNA, NOVAS PERSPECTIVAS EM MACHADO DE ASSIS

Este último tópico é construído com base no artigo Um medalhão para a fortuna e uma virtú para pandora: Machado de Assis e Maquiavel escrito para revista Argumentos por Daniel Benevides Soares que tem por intuito analisar nossa obra ainda por uma outra perspectiva integrando a ela os conceitos maquiavelianos de Virtù e Fortuna.

A título de esclarecimento, recorramos ao professor José Benedito acerca deles:

A palavra fortuna remete á deusa Fortuna. A imagem clássica, especialmente registrada no quadro de Tadeusz Kuntze (1754, é de uma mulher que vai à frente das pessoas com olhos vendados, carregando uma cornucópia (um tipo de vaso) da qual tira benesses que arremessa aleatoriamente para o ar. Os olhos vendados indicam que ela não escolhe ninguém para beneficiar, o fato de arremessar as benesses indica que alguns serão beneficiados e outros não serão.

(...) Quando Maquiavel utiliza o termo virtù, está se referindo ao antigo valor dos soldados romano, que dariam a vida pela pátria e a colocavam acima de todos os outros interesses, inclusive os pessoais. Virtù é uma expressão que também designa homem no sentido de sexo masculino, guerreiro.

Portanto, a noção de virtù está relacionada à capacidade do príncipe, por meio de uma vontade inquebrável, e de superar os azares que as mudanças de circunstâncias podem provocar. (ALMEIDA JÚNIOR, 2021, p. 63)

Podemos perceber que ambos os conceitos possuem um certo caráter humanista, de modo que, podem ser traduzidas em ações humanas diante de determinadas situações

(na obra, ações específicas de um príncipe para manter seu reinado) que, de outro modo, podem também ser entendidas como as adversidades da vida e as formas de enfrentá-las. Contudo, para além de nosso resumo um tanto quanto simples, é aqui que o conceito possui maior profundidade, pois, a *virtù* não se refere a qualquer forma de agir, mas, a um agir consciente, que parte do estudo e da previsão de ações; de modo que, seja possível estar preparado para as adversidades que podem surgir. Toda essa capacidade para Maquiavel tem como base o conhecimento e por isso para ele o saber acerca da história e da filosofia são essenciais a um bom governante. Na obra do professor José Benedito, o autor cita que essa capacidade de agir pode soar até de forma impetuosa, pois, se refere também à ideia de fazer o deve ser feito, contudo o conceito de virtude também remete a força para defender, logo, o intuito de Maquiavel quanto o temor ao príncipe não deve ser a ponto de suscitar no povo um espírito de rebelião, mas, de confiança. Quanto a uma possível comparação entre conto e obra Daniel irá dizer que:

No referido conto, o desfecho menciona O príncipe de Maquiavel. Comparar alguns aspectos dos autores pode servir, portanto, para uma compreensão mais profunda de certos conceitos e aspectos de ambos, como o significado da ação humana e o modo como os elementos subjetivos estão relacionados com esse agir. Esse cotejamento é o método do paralelo aplicado às questões da filosofia brasileira. (BENEVIDES, p. 142, 2022.)

Enquanto o príncipe se vale da *virtù*, o medalhão se vale de estratégias nem tão virtuosas (em sentido coloquial não se relacionando ao conceito em si de *virtù*). Este primeiro comparativo remete-nos novamente a visão cética e pessimista de Machado conforme visto no seguinte trecho do artigo

Tanto esse pessimismo cético como a saída estética encontram um ponto de articulação na ironia machadiana. Essa ironia surge como postura ético-filosófica que revela as falhas na conduta humana. A ironia é um dos pontos que é apresentado no conto Teoria do medalhão (MARGUTTI, 2007, p. 205). (BENEVIDES, p. 142, 2022.)

Quando trazida essa realidade para o nosso conto, podemos ver, ainda que de forma prematura, uma deturpação dessas “qualidades” do príncipe na figura do medalhão, pois, assim como o reinado do príncipe pode ser acometido pela má fortuna, o prestígio do medalhão também pode, como afirmado pelo pai de Janjão no trecho que diz “A vida, Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados inúmeros, e com os suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra” (OC II, p. 262). Para o autor deste artigo, muitas das obras da segunda fase conversam entre si e neste caso, a ideia de uma vida fadada ao acaso prevista pelo pai de Janjão casa com a descrição do poder que Pandora exerce sobre o homem na obra Memórias Póstumas de Brás Cubas,

onde Pandora é a própria vida, mãe e inimiga da humanidade⁴

Bignotto atribui à deusa da roda romana a capacidade de retirar tudo que os seres humanos conquistam quando decide, sem aviso, mudar os rumos dos acontecimentos²⁵ (2003, p. 26), de maneira análoga, porém com capricho particular, age a Pandora machadiana²⁶. Desse modo, assim como a virtù demanda para sua adequada compreensão a ligação com o conceito de for-tuna em Maquiavel (BIGNOTTO, 2003, p. 24), entender a ação estratégica do medalhão também passa pela consideração dos caprichos da Pandora machadiana. (BENEVIDES, p. 146, 2022.)

No conto de Machado de Assis, após o aviso do pai quanto a imprevisibilidade, e até crueldade, da vida devido ao acaso (ou Pandora) ele traz um pouco de conforto ao filho afirmando que Janjão não deve desanimar pois, “assim é a vida”, com seus “altos e baixos”, aproximando aqui à relação dos conceitos maquiavelianos que para o autor são traduzidos pelo fato de a possibilidade do homem, apesar das contingências da vida, ainda sim poder mudar seu futuro. Contudo, o autor vem trazer-nos um questionamento muito interessante que, sem ele, facilmente poderia derrubar nossa argumentação a favor da comparação entre filósofo e escritor: a virtù maquiaveliana passa pela reflexão, pelo conhecimento da história e da filosofia como vimos anteriormente, contudo, o pai de Janjão repudia o processo reflexivo, logo, como poderíamos compará-los?

A resposta que Daniel dá para nós é que:

Em primeiro lugar, o medalhão diferencia reflexão de instrução. A primeira pressupõe originalidade e imaginação, a segunda requer do intelecto apenas seu uso moderado, disciplinado e dirigido ao equilíbrio comum (OC II, p. 264). Em segundo lugar, esse conhecimento da Natureza é intuitivo, não sistemático. Compreendemos o sentido de ‘intuitivo’ aqui no horizonte do conceito marguttiano de Matriz Colonial, cuja influência, julgamos, se faz sentir na forma de apresentar os efeitos da vida presente na obra machadiana expressa na visão de mundo do personagem medalhão: com um pessimismo cético, de caráter intuitivo, não sistemático, avesso a elucubrações teóricas e acentuados pragmatismo e expressivismo – cordialidade. Para reforçar esse ponto, recorremos mais uma vez ao Capítulo VII das Memórias Póstumas, onde Brás Cubas afirma acompanhar o desfile dos séculos com olhos do delírio, que eram outros (OC I, p. 608). Mas esses olhos são outros em relação a quê? No capítulo seguinte, ele afirma que a Razão tornava a casa, pedindo a retirada da Sandice (OC I, p. 609-610). Ora, ainda que com os olhos do delírio, Brás Cubas não deixa de ter uma compreensão do que se passa, mesmo que nos limites da sua condição humana (OC I, p. 608-609). Essa compreensão

⁴ “- Chama-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga” (OC I, p. 607)

dada pelo coração, intuitivamente, não é sistemática; é a mesma que o medalhão dispõe para compreender a vida. Finalmente, importa observar que essa intuição sobre a vida tem um aspecto eminentemente pragmático: os percalços que o medalhão deve evitar para atingir o sucesso. A ação estratégica do medalhão funciona como uma espécie de calção para as ambições, caso seja-se acometido pelos “desdouros” da vida (OC I, p. 262). De maneira parecida, o secretário florentino atribui à virtù a finalidade exclusiva de obter uma função de mando na sociedade (BIGNOTTO, 2003, p. 25). (BENEVIDES, p. 147, 2022.)

Ainda outro conceito que pode gerar certo desconforto para estudiosos de Maquiavel é quanto a figura de Pandora ou, por outro nome, Natureza, que para o filósofo nada tem a ver com o significado atribuído por Machado. Contudo, nosso intuito não é nos apegarmos aos nomes que ambos trazem consigo, mas, em suas ideias que, embora tratada por nomes distintos, se assemelham em diversos aspectos.

Outro aspecto entre ambos passíveis de comparação é a finalidade pela qual o conhecimento é necessário: Para Maquiavel, os homens tendem a repetir aquilo que historicamente funciona fazendo com que a história do mundo passe por poucas mudanças realmente extraordinárias, de modo que, podemos entender que a necessidade de recorrer a história não é dada por mera erudição, mas, para repetição de bons resultados, algo que explicitamente é recomendado a Janjão pelo pai quando este afirma a ele que é necessário que ele decore a terminologia científica sem profundidade, pois deve tomar as armas do seu próprio tempo (OC II, p. 264).

Finalmente, temos o aspecto da virtù relacionado com o véu erguido entre essência e aparência. O secretário florentino reconhece esse hiato, de modo que inexiste uma única perspectiva que equivalha à essência de um acontecimento, desse modo, as ações humanas se tornam opacas no seu significado íntimo e a subjetividade pode ter múltiplos significados por trás de cada gesto aparente (BIGNOTTO, 2003, p. 35-36). É necessário, portanto, saber guardar as aparências mesmo das qualidades que não se possam. O Capítulo XVIII De que formas os príncipes devem guardar a fé é paradigmático. Apresentando as qualidades da raposa e do leão como complementares e a necessidade de quebrar a palavra e não respeitar as conveniências, o secretário florentino alerta que é “necessário disfarçar muito bem esta qualidade e ser bom simulador e dissimulador” (1974, p. 74). Não é imprescindível, portanto, possuir as qualidades da fidelidade e da probidade, basta aparentá-las: “Antes, teria eu a audácia de afirmar que, possuindo-as e usando-as todas, essas qualidades seriam prejudiciais, ao passo que aparentando possuí-las, são benéficas; por exemplo: de um lado, parecer ser efetivamente piedoso, fiel, humano, íntegro, religioso,

e de outro, ter o ânimo de, sendo obrigado pelas circunstâncias a não o ser, tornar-se o contrário” (MAQUIAVEL, 1974, p. 74). O príncipe deve aparentar essas qualidades aproveitando-se da debilidade de julgamento da maioria das pessoas (MAQUIAVEL, 1974, p. 75), ou seja, da inaptidão para desvelar os estados subjetivos sob o verniz das aparências. Isso não significa, entretanto, que a manutenção das aparências redunde necessariamente em uma essência corrompida por baixo delas, mas apenas que o campo do político é um lugar onde não se pode promulgar a verdade dos valores, pelo menos aqueles que os indivíduos tipicamente recebiam da tradição cristã (BIGNOTTO, 2007, p. 161). (BENEVIDES, p. 148, 2022.)

Por fim, nada parece mais próximo do nosso conto do que essa análise acerca da aparência: Retomando o que falamos tantas vezes, quem é o medalhão se não um homem transvestido de aparências?

A virtù maquiaveliana carrega muitos significados, entre eles, o de uma moral propícia à política e a faculdade de se confrontar com a fortuna ou de se associar a ela para obter êxito, como uma espécie de par humano da deusa (MÉNISSIER, 2012, p. 60). À semelhança da ação estratégica do medalhão, a virtù é conhecimento e esforço; conhecimento – não raro intuitivo – da opção correta para a ocasião que se apresenta; esforço, enquanto energia de conquista que mobiliza a invenção de soluções (MÉNISSIER, 2012, p. 60-61). Se o elemento da perseverança é pedra de toque entre a ação do medalhão e do indivíduo de virtù, elas se distanciam quando o secretário florentino qualifica a segunda como uma capacidade de transcender os limites habituais da humanidade, isso porque ela é ensinada pelo famoso mestre dos grandes heróis gregos: o centauro, metade homem e animal, que encarna a importância da ferocidade (MÉNISSIER, 2012, p. 61). Os mestres, portanto, separam as duas: Quíron e o pai de Janjão são modelos diversos para o ensino de duas formas diferentes de ação. Entretanto, para ambos, apesar das diferenças, é possível localizar a importância que a percepção dos estados subjetivos desempenha na vida social, tendo em vista a distância, a imprecisão, a confusão, a polissemia e mesmo a opacidade entre as aparências e as essências que as motivam e se dão enquanto fenômenos na arquitetura das relações humanas. (BENEVIDES, p. 151, 2022.)

Como já dito por nosso querido Machado de Assis, dadas às proporções, ambas obras nos dão diversos arcabouços para compreendermos melhor as ações humanas: como os homens agem entre si e como é dada sua política. Cada um a sua maneira, um pela ficção e outro pelo tratado, ambos autores nos trouxeram reflexões dignamente filosóficas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de responder se Machado de Assis é ou não filósofo, ao longo de nossa investigação percorremos por um caminho que começou pela historiografia da Filosofia no Brasil colônia passando posteriormente pela reflexão acerca do que podemos chamar de filosofia brasileira, visto que, apesar de ser uma discussão já antiga, parece ainda um tanto quanto incerta sobre sua existência, seus desdobramentos e, principalmente, sua forma; caminhando finalmente para a parte final onde nos debruçamos sobre um conto machadiano que teria como intuito nos auxiliar na resposta desta pergunta. Ainda em nossa jornada, notamos que para respondê-la precisaríamos primeiro entender a forma pela qual a filosofia brasileira se apresenta para nós; fazendo-nos compreender que quanto mais lemos a respeito, mais nos parece simples de responder que sim.

De fato, cabe a Machado o título de filósofo e não somente por sua escrita em si, mas, pelo valor intrínseco presente no autor enquanto verdadeiramente pensador de sua época e de seu país. Logo, de maneira ainda mais profunda, afirmar que a filosofia está no autor e não na obra é o mesmo que dizer que, ainda que Machado de Assis não escrevesse textos literários, mas, cartas ou folhetos, ele ainda seria o mesmo pensador, pois, podemos ver que seu caráter filosófico está em sua capacidade de observar e não de escrever, cujo é para ele apenas um meio de expressão de suas ideias.

De modo geral, vimos também que culturalmente e historicamente é difícil dizer o que de fato é filosofia brasileira, quando ela começou e quais são suas características gerais, mas, por outro lado, o que pudemos notar é que essa dificuldade se dá pelo fato dela ter sido tão sufocada dentro de padrões quase inalcançáveis de modo que sua invisibilidade e, conseqüentemente, a invisibilidade de Machado acaba sendo justificada. Deste modo, o que me parece mais justo é responder que filosofia brasileira é o processo de reflexão feito no Brasil e nada mais, sem amarras ou padrões, pois, é assim que vemos o quão capazes somos de, por nós mesmos, descrever nossa sociedade.

A partir do momento que compreendermos isso, passaremos a dar mais valor no que as pessoas ao nosso redor têm a nos dizer também, para além de um terno de seriedade, afinal, não é difícil ouvir e dar valor para Kant, Hegel, ou outro, mas, ouvir o sambista e o funkeiro que falam sobre a vida no morro; o sertanejo que denuncia desde muito tempo os abusos no campo vindo dos grandes criadores de gado, da catadora de lixo que vivencia diariamente os diversos tipos de preconceito e os expõe com zelosa maestria.

Enfim, não é difícil encontrar filosofia no Brasil, o que é difícil é reconhecê-la, visto que, formalmente enquanto acadêmicos, somos treinados para os grandes tratados e nada mais. Contudo, precisamos pensar também que não é porque algo esteja “consolidado” como o correto e imutável que de fato o seja, principalmente nas humanidades, pois, a cada dia que estudamos e nos aperfeiçoamos temos a chance de também nos autoavaliar

enquanto filósofos, além de, pertencentes de instituições conservadoras que da mesma forma também fazem o exercício da autorreflexão defendendo que a história contada por um único viés que precisa ser questionado. Sendo assim, responder se Machado é filósofo foi apenas a feliz ponta de um iceberg de possibilidades para se pensar a filosofia no Brasil. Portanto, o que nos resta agora é escrever, falar e filosofar como tantos outros fizeram para que enfim possamos nos reencontrar e nos reconhecer.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, J. Machado de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006. v. 3.
- BENEVIDES, D. A literatura como marca da expressão filosófica brasileira: o caso de machado de assis. **Revista PERSPECTIVAS**, v. 6, n. 2, p. 443–457, 2021.
- BENEVIDES, D. B. **Um medalhão para a fortuna e uma virtù para pandora: Machado de Assis e Maquiavel**. *Revista Argumentos*. Universidade Federal do Ceará, n. 27. 2022.
- BERNARDO, G. Quem me dera: o ceticismo de machado de assis. **Sképsis**, n. 1, p. 171-183, 2007.
- BOSI, A. **Machado de Assis: O enigma do olhar**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- Casa do Saber. **Machado de Assis e as ideias fora de lugar | Flávio Ricardo Vassoler**. 2022. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oz_6JBfJgJw>. Acesso em: 9 mar. 2025.
- CERQUEIRA, L. A. A ideia da filosofia no brasil. **Revista Filosófica de Coimbra**, n. 39, p. 163-192, 2001.
- CERQUEIRA, L. A. Os letrados e a filosofia no brasil, ou notas para uma fundamentação da ideia de filosofia brasileira. **Revista ARGUMENTOS - Revista de Filosofia/UFC Fortaleza**, v. 13, n. 25, jan-jun 2021.
- COUTINHO, A. **A filosofia de Machado de Assis**. 1940.
- Câmara 36 do campus Arapiraca. **Analisando Artigos #07: Schwarz, 1973**. 2021. YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4WEaQr6PbQs>>. Acesso em: 9 mar. 2025.
- FERREIRA, A. E.; CARVALHO, C. **Escolarização e analfabetismo no Brasil: estudo das mensagens dos presidentes de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Norte (1890-1930)**. Goiás: [s.n.], 2018.
- FISCHER, L. Ideias fora de qual lugar? **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v. 23, n. 42, p. 209-224, jan-jun 2021.
- GOMES, R. **Crítica da Razão Tupiniquim**. 11. ed. São Paulo: FTD, 1994.
- HOLANDA, S. B. **A filosofia de Machado de Assis e o espírito e a letra dos estudos de crítica literária 1, 1920-1947**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 305-312 p.
- JUNIOR, F. Lógica, formação escolar e filosofia entre os jesuítas. **Revista Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 35, n. 74, p. 1017-1041, maio/ago 2021.
- MARGUTTI, P. Machado, o brasileiro pirrônico? Um debate com Maia Neto . **Sképsis**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 183-209, 2007. A.

MARGUTTI, P. **História da filosofia no Brasil. O período colonial (1500–1822)**. São Paulo: Ed. Loyola, 2013.

MARGUTTI, P. Filosofia brasileira e pensamento descolonial. **Revista Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 223-239, jul./dez. 2018.

MARTINS, A. L. **Machado de Assis: o filósofo brasileiro**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

NEGRAO, A. O método pedagógico dos jesuítas: o "ratio studiorum". **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, ago. 2000.

NETO, J. R. M. **O ceticismo na obra de Machado de Assis**. São Paulo: Annablume, 2007. A.

NUNES, B. Machado de assis e a filosofia. **Revista Travessia**, Santa Catarina, v. 19, p. 7-23, 1989.

PAIM, A. **O estudo do pensamento filosófico brasileiro**. São Paulo: Convívio, 1986.

PAIM, A. **História das ideias filosóficas no Brasil**. 6. ed. Rio de Janeiro: Edições Humanidades, 2007.

PEREIRA, C. “teoria do medalhão”: o príncipe, de machado de assis (e suas repercussões). **Revista Língua & Literatura**, v. 35, n. 20, p. 150-164, jan/jun. 2018.

PIRES, A. M. G.; OLIVEIRA, R. P. M. Machado de assis: a realidade e o realismo. **CES Revista**, Juiz de Fora, v. 24, 2010.

REALE, M. A filosofia na obra de machado de assis. **Revista Brasileira**, v. 44, p. 7-33, jul/set. 2005.

SANTOS, T. Panorama histórico da filosofia no brasil: da chegada dos jesuítas ao lugar da filosofia na atualidade. **Revista Seara Filosófica**, v. 12, p. 126-140, 2016.

SCHWARTZ, R. **As ideias fora do lugar: intelectuais brasileiros & marxismo**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

SCHWARTZ, R. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades, 2000. v. 34.

SILVA, T. A crítica machadiana e o realismo de uma outra realidade. **Revista Eixo Roda**, Belo Horizonte, v. 31, n. 3, p. 152-168, 2022.

SOARES, C. Pobre, negro, gago, epilético: Machado de assis teve quase tudo contra si. **Revista Brasil de Fato**, 2020.

Souza, Warley. "**Machado de Assis**". Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/biografia/machado-de-assis.htm>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2025.

TAVOLARO, S. Ideias fora do lugar e seus colóquios: insights para a análise das "interpretações do brasil". **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 9, n. 23, p. 178-203, Set/Dez. 2021.

Universidade Federal Fluminense. **Machado de Assis na literatura brasileira.** Rio de Janeiro: ABL, p. 109-228, 1990.